



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES (PPGF)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE SOBRE VERDADE, MENTIRA E LINGUAGEM

JOÃO PESSOA – PB
2023

INGRID FALCÃO PERES

A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE SOBRE VERDADE, MENTIRA E LINGUAGEM

Dissertação apresentada à banca examinadora do programa de pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em João Pessoa – PB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Fenomenologia e Hermenêutica

Orientador: Professor Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha.

**JOÃO PESSOA - PB
2023**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P437pp Peres, Ingrid Falcão.

A perspectiva de Nietzsche sobre verdade, mentira e linguagem / Ingrid Falcão Peres. - João Pessoa, 2023.
74 f.

Orientação: Iraquiton de Oliveira Caminha.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Ponto de vista filosófico. 2. Verdade - Mentira - Filosofia. 3. Fenomenologia - Hermenêutica. I. Caminha, Iraquiton de Oliveira. II. Título.

UFPB/BC

CDU 14(043)

INGRID FALCÃO PERES

A PERSPECTIVA DE NIETZSCHE SOBRE VERDADE, MENTIRA E LINGUAGEM

Dissertação apresentada à banca examinadora do programa de pós-graduação em Filosofia (PPGF) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em João Pessoa – PB, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Fenomenologia e Hermenêutica

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof. Dr. Luciano da Silva (Examinador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Prof. Dr. Cristiano Bonneau (Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Aos meus amores da vida, Mainha, Jonas, Nick e Francis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a mim por manter vivo e pulsante o meu desejo de permanecer na filosofia. Ao meu filho Jonas, por todo amor e apoio, sobretudo, nas horas mais difíceis. Aos familiares e amigos que estão comigo e de algum modo estão aqui e compartilham dessa paixão pela vida, pela força e empenho em manter uma conduta filosófica, no sentido de inventar a própria existência. Sou grata aos meus queridos amigos Prof. Dr. Fábio Coelho da Silva e ao Prof. Dr. Luciano da Silva que estão comigo nesse processo, desde a confecção do projeto, e não só por isso, mas por toda caminhada desde à graduação até hoje. Compartilhamos muitas questões. Por fim, sou muito grata ao orientador dessa pesquisa, o caríssimo Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha, que hoje faz parte da minha história. Eu amo vocês.

“Quem sabe respirar o ar dos meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, do contrário não é pequeno o perigo de resfriar-se nele. O gelo está próximo, a solidão é colossal - mas como todas as coisas ficam calmas na luz! Como se respira livremente! Quantas coisas se sente abaixo de si! – A filosofia, como eu até então a compreendi e vivi, é a vida voluntária no gelo e nas altas montanhas – a busca de tudo o que é alheio e questionável na existência, de tudo aquilo que até agora fora proscrito pela moral. De uma longa experiência obtida através de tal caminhada no proibido aprendi a considerar de modo bem diferente do que pode ser desejado as causas pelas quais, até agora, se moralizou e se idealizou: veio-me à luz a história oculta dos filósofos, psicologia de seus grandes nomes. – Quanto de verdade suporta, quanto de verdade arrisca um espírito? Isso foi, para mim, cada vez mais a autêntica escala de valor. Erro (- a crença no ideal -) não é cegueira, erro é covardia... Toda conquista, todo passo adiante no conhecimento segue-se da coragem, da dureza para consigo, do asseio para consigo... Eu não refuto os ideais, eu apenas visto luvas diante deles... Nitimur in vetitum [lançamo-nos no proibido]: nesse sinal, minha filosofia irá em algum momento triunfar, pois até agora apenas a verdade foi fundamentalmente proibida.”

(Nietzsche, Ecce Homo, prefácio)

Resumo

Este estudo aborda o ponto de vista do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche concernente à verdade, com ênfase no seu ensaio de juventude de 1873 intitulado *Sobre Verdade e mentira no sentido extra-moral*. Será realizada uma análise do percurso argumentativo do autor, destacando a sua compreensão de verdade e mentira, bem como, a sua noção de impulso à verdade e verdade como dissimulação do intelecto. Nesse sentido, propõe-se compreender os pressupostos nietzschianos fundamentais para o entendimento de sua crítica à linguagem, visando demonstrar que a verdade se origina a partir da necessidade humana de viver em comunidade. Nesse contexto, o autor se remete à filosofia de Platão como negação da vida, uma vez que essa é a referência que permeia o pensamento filosófico sustentado até então sob a égide do conhecimento verdadeiro. Nietzsche redireciona essas questões para o campo das ações humanas e da coexistência entre os indivíduos. Em decorrência disso, é necessário considerar a maneira com a qual ele confronta seu ponto de vista com o pensamento filosófico tradicional, estritamente conceitual que, de acordo com ele, é contaminado pela filosofia platônica, a qual, de maneira geral, define a realidade supracensível como verdadeira e imutável e a sensível como o mundo aparente. Por fim, buscar-se-á o entendimento da relação entre linguagem e verdade, a partir do sentido que Nietzsche confere às metáforas e, conseqüentemente, quais são as implicações desse movimento de formular e instituir verdades na atmosfera social. Sendo assim, é possível constatar que o autor inaugura, por assim dizer, uma nova perspectiva concernente à verdade no cenário da filosofia.

Palavras-Chave: Verdade. Mentira. Filosofia. Linguagem. Nietzsche.

Abstract

This study approaches the point of view of the German philosopher Friedrich Wilhelm Nietzsche with regards to the concept of truth with emphasis on his 1873 youth essay, entitled *About Truth and Lies in the extra-moral sense*. An analysis of the author's argumentative quest will be performed highlighting his understanding of truth and lie, as well as his notion of impulse to truth and truth as a concealment of the intellect. In this sense, it is proposed to understand Nietzsche's fundamental assumptions for the understanding of his criticism of language, with the aim of demonstrating that truth comes from the human need to live in community. In this context, the author refers to Plato's philosophy as a denial of life, since this is the reference that permeates the philosophical thought hitherto held under the aegis of true knowledge. Nietzsche redirects these issues to the field of human actions and coexistence between individuals. As a result, it is necessary to consider the way in which he confronts his point of view with the traditional philosophical thought, strictly conceptual, which according to him, is contaminated by Platonic philosophy. In a general way, it defines the supersensible reality as true and unchangeable, and the sensible as the apparent world. Finally, an attempt will be made to understand the relationship between language and truth, based on the meaning that Nietzsche gives to metaphors and,

consequently, what are the implications of this movement of formulating and instituting truths in the social atmosphere. Therefore, it is possible to verify that the author opens, so to speak, a new perspective concerning the truth in the philosophy scenario.

Keywords: Truth. Lie. Philosophy. Language. Nietzsche.

SUMÁRIO

Introdução	10
A coexistência social e a linguagem	14
1. Filosofia, linguagem e vivência	14
2. O supressensível e a transvaloração de Nietzsche	16
3. A verdade como necessidade para o convívio comum.....	18
4. Linguagem e verdade.....	21
5. Vivência como critério de avaliação dos valores.....	23
Os signos de comunicação e a verdade gregária.....	33
1. Verdade como dissimulação e convivência gregária	33
2. Verdade como acordo de paz.....	35
3. O conceito como ficção da linguagem.....	38
Verdade: uma arte propriamente humana	47
1. Verdade e mentira no sentido extramoral	47
2. Verdade, ciência e arte	53
3. Impulso, esquecimento e verdade	56
4. Metáfora e criação artística na linguagem	59
Considerações Finais	64
Referências	69

Introdução

O problema da verdade se caracteriza pela produção de conceitos que expliquem, por assim dizer, a realidade. Desta maneira, é possível observar que desde a antiguidade, as posições filosoficamente assentadas na tradição, são permeadas por uma certa pretensão, por parte dos autores da filosofia, em determinar o seu pensamento como ponto de partida para uma reflexão filosófica acerca de um determinado problema.

Transpondo essa questão para os propósitos atuais, embora não seja explorado neste estudo, esta pesquisa é referente, em certo sentido, ao modo como a filosofia acadêmica é tratada, no que concerne à maneira de pensar dos filósofos. A dinâmica filosófica, nessa perspectiva, é compreendida como um tipo de exercício de refutação de uma determinada concepção de problema em relação a outra. Entretanto, entende-se que o exercício do filosofar é algo que contribui necessariamente para que hajam modos de pensar independentes dos que já existem, que sejam complementares e igualmente válidos, no sentido de que no âmbito filosófico não há pensamento encerrado em si.

Há múltiplas possibilidades de pensar aquilo que noutro contexto já fora pensado, de modo que esse ato de repensar agregue elementos àquilo que já está posto. Nesse sentido, esta análise se justifica por propor, a partir da leitura de Nietzsche, a superação dessa visão referente à existência de verdades que se estabelecem, a partir da anulação de outras compreensões das problemáticas recorrentes no âmbito da filosofia.

Por meio de uma análise da compreensão nietzschiana de verdade como construção da linguagem, em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, parece seguro afirmar, que a partir deste pensador há um rompimento com o modelo de filosofia tradicional estritamente conceitual. Na ótica nietzschiana, aplicar um conceito é um tipo de enquadramento. Diz respeito a estabelecer um plano de ação sobre aquilo que se pretende acessar, não dizer o que as coisas são. Ainda que um estudo filosófico não se detenha a solucionar problemas, possibilita uma reflexão crítica. É pertinente ressaltar que este estudo se efetiva, sobretudo, pela identificação com a problemática abordada, pois, acredita-se que reduzir uma questão à ideia de verdade

é algo limitante para a existência. Assim, nesse estudo será explicitado como Nietzsche situa a questão da verdade na sua filosofia, a partir da concepção de linguagem presente neste ensaio de publicação póstuma.

Este estudo apresenta o posicionamento nietzschiano de linguagem como estruturadora das relações humanas, com a finalidade de se obter uma compreensão do sentido da crítica que o autor faz ao conceito de verdade, assentado na concepção platônica da relação entre linguagem e verdade. Para Nietzsche, a filosofia de Platão adoece o pensamento, na medida em que acena para um entendimento de realidade ideal que desconsidera a experiência, as vontades e aquilo que é propriamente humano e afirmativo à vida, com vistas ao conhecimento puro e inteligível das coisas. Isso quer dizer que para Platão o mundo sensível é um engano.

Nietzsche discorda veementemente disso. O que ele realiza, nesse sentido, é um movimento contrário ao que Platão instaura na sua filosofia, promovendo um redimensionamento; uma inversão na concepção de linguagem, o que possibilita uma desautorização em relação à essa filosofia, que de acordo com Nietzsche é danosa no que diz respeito ao acomodamento do homem diante do que está estabelecido. Essa é a cena filosófica a partir da qual toda filosofia posterior a Platão se desenvolve. É indispensável que o pensamento de Nietzsche seja adequadamente situado no contexto dessa pesquisa. Sendo assim, é relevante que seja efetivada uma categorização temática dos aspectos fundamentais da filosofia de Nietzsche, como pressuposto para evidenciar a importância da linguagem como fundamento da verdade.

Para tornar claro aquilo que Nietzsche problematiza, a saber, a linguagem como fundamental para a construção da ideia de verdade, é cogente especificar o sentido da metáfora na concepção nietzschiana de linguagem, uma vez que, para o autor, a verdade, que para ele é uma criação a partir do uso da linguagem, tem sua origem na urgência de uma organização gregária. Nessa medida, as convenções formuladas, por meio da linguagem, não dão conta de dizer o que as coisas são em si como a tradição propõe. É possível constatar que o filósofo alemão inverte a sua perspectiva em relação ao que Platão convencionou, à medida em que nos moldes nietzschianos, a verdade das coisas não existe independente do homem, mas a partir dele. Se a linguagem é o arcabouço da verdade, esta não pode existir em uma realidade imutável e suprassensível.

Para viabilizar o presente estudo, o procedimento metodológico utilizado foi de cunho bibliográfico, teórico e crítico, com ênfase nas obras de Nietzsche. Dessa forma, a estratégia proposta se divide em três momentos: No primeiro momento é realizada uma revisão de literatura das questões basais que estruturam o pensamento de Nietzsche, com o objetivo de analisar sua compreensão referente ao conhecimento, linguagem e verdade, para posteriormente situar essas questões na presente pesquisa.

Na primeira parte serão tratadas as questões relacionadas às ideias principais da crítica de Nietzsche à ideia de verdade e linguagem como necessidade social, bem como, a noção de transvaloração dos valores. Em seguida, explicita-se o sentido da crítica nietzschiana à filosofia platônica, com o objetivo de esclarecer as discordâncias entre os pensamentos nietzschiano e platônico, no que se refere a problemática da relação entre linguagem e verdade. As seguintes obras de Nietzsche são citadas: (1976; 1992; 2008;). *Crepúsculo dos ídolos*; *Além do bem e do mal*; *Sobre verdade e mentira*. E de seus críticos: Barros (2008); Guervós (2000); Machado (2021); Mattos (2013); Mosé (2018); Marton (2016); Moura (2005); Klossowski (1995). É relevante enfatizar que a filosofia de Platão é o molde de filosofia conceitual afrontado pelo filósofo alemão, especificamente, em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Isso porque Nietzsche entende, com base no idealismo platônico, que a filosofia, posteriormente se desenvolve desprezando a realidade empírica, com vistas a um ideal de conhecimento que só pode ser acessado pela elaboração conceitual.

Na segunda parte do texto, a problemática da verdade se estabelece nos termos nietzschianos como dissimulação, acordo de paz e, finalmente, como ficção da linguagem. As obras privilegiadas são as seguintes: (1978; 1992; 2008; 2018). *Nietzsche: Obras incompletas*; *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*; *Sobre verdade e mentira*; *Assim falava Zaratustra*. E de seus críticos: Machado (2021); Moura (2005); Marton (2016); Mosé (2018); Kossovitch (1979); Sousa (2022); Wotling (2011).

Por fim, a terceira parte especifica o sentido de metáfora, como criação artística da linguagem; impulso à verdade e verdade como esquecimento: elementos que fundamentam a crença na verdade. Destarte, pretende-se com esse movimento compreender em que medida a verdade pode ser universal e necessária no âmbito das ações humanas. As obras de Nietzsche privilegiadas nesse momento são as

seguintes: (1976; 1978; 1992; 2007; 2008). *Crepúsculo dos ídolos*; *Nietzsche: Obras incompletas*; *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*; *Nietzsche: O livro do filósofo*; *Sobre verdade e mentira*. As obras de apoio abordadas são as seguintes: Machado (2021); Marton (2016); Mosé (2018); Wotling (2011).

É conexo esclarecer que a linguagem é um instrumento que contribui para a coexistência pacífica dos indivíduos de um determinado grupo, por meio do acordo de paz, o qual se efetiva por meio dessa ferramenta de comunicação. É essa a mudança de perspectiva sugerida por Nietzsche, que por assim dizer, coloca o homem como sujeito ativo em sua existência. É seguro afirmar que a filosofia de Nietzsche prenuncia a chegada de outros tempos, isto é, a partir dele pôde-se conceber uma filosofia pautada na multiplicidade de perspectivas.

Tendo em vista que o filósofo pretende superar o modelo de filosofia, que se restringe às questões de veracidade e falsidade dos discursos da tradição, com o objetivo pensar os problemas que se apresentam a partir do que é efetivo e vigente, *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* desautoriza e desconstrói a crença metafísica de que existe uma realidade anterior e mais verdadeira que a vida, ao designar a linguagem como apaziguadora da convivência entre todos e não como fonte de um conhecimento verdadeiro e universal das coisas. Para Nietzsche, conhecer é estabelecer modos de agir sobre as coisas. Nesse sentido, a linguagem etiqueta as coisas para viabilizar a interação entre indivíduo e mundo.

A coexistência social e a linguagem

1. Filosofia, linguagem e vivência

A filosofia¹ para Nietzsche é um compromisso com a liberdade e a pluralidade; é um modo de pensar diverso daquilo que a sistematicidade conceitual, própria da filosofia, impõe. Diferente do modo de pensar, enraizado na filosofia, voltado para a construção conceitual, pode-se afirmar que o pensamento de Nietzsche se fundamenta sobre a história do pensamento na filosofia, isto é, ele segue uma organização peculiar, correspondente ao perspectivismo característico de sua filosofia, como é possível observar na citação a seguir:

[. ..] A compreensão de Nietzsche parece obedecer a dois princípios: O da realidade, na medida em que ele a descreve, analisa e recompõe historicamente, para posteriormente comunicar aos outros o resultado de sua obra; e ao princípio de identidade, na medida em que ele se define como signatário em relação aquilo que mostra. (KLOSSOWSKI, 1995, p. 10, tradução nossa).

A perspectiva nietzschiana pensa os problemas da filosofia a partir de seus aspectos políticos, científicos, éticos e religiosos, portanto, são pensados do ponto de vista existencial. Nietzsche dirige seu olhar ao que concerne à vivência² do homem e àquilo que sustenta a necessidade de viver em comunidade porque para ele, esse

¹ “A filosofia para Nietzsche, enfim, é tarefa e missão. Por isso, o filósofo, em sua concepção, assume dois papéis primordiais: é o médico da cultura e o legislador da cultura. Como médico, sua tarefa consiste em observar os sintomas de uma cultura [...]. Como legislador, sua tarefa consiste em estabelecer as normas da cultura e do futuro da humanidade, estabelecendo novos valores e definindo os destinos da política. Há sempre, na obra do filósofo, o ponto de vista crítico, negativo, no qual ele desmonta os argumentos da tradição; há outro, contudo, tão importante quanto o primeiro, que é sua faceta positiva, afirmativa, no qual ele apresenta suas propostas para a superação dos problemas por ele apontados”. (MARTON, 2016, p. 231-232).

² “Central no pensamento nietzschiano, a noção de vivência passa a receber uma abordagem filosófica a partir de *Aurora*. Então Nietzsche sustenta que as vivências têm inscrição no corpo; é ele que, segundo as circunstâncias, as digere bem ou mal. A maneira pela qual o indivíduo encara o que lhe acontece depende de sua configuração pulsional, de sua configuração de vida. Por isso mesmo, as vivências não podem ter caráter universal; elas são sempre singulares. Em *A gaia ciência*, Nietzsche introduz novo elemento: enquanto os fundadores de religião não têm ciência das vivências que lhes são próprias, os verdadeiros filósofos perscrutam a fundo as suas. Experimentadores no mais alto grau, eles querem converter-se em cobaias e experimentos. [...] Em *Para além de Bem e Mal*, estabelece ainda uma estreita relação entre vivência e linguagem. Faz ver que, para comunicar, é preciso partir de um solo comum. Não basta ter as mesmas ideias, abraçar as mesmas concepções. Tampouco basta atribuir às palavras o mesmo sentido ou recorrer aos mesmos procedimentos lógicos. É preciso bem mais; é preciso partilhar vivências. No limite, todo comunicar é tornar-comum”. (MARTON, 2016, p. 420).

movimento posiciona o homem como elemento ativo que busca se estabelecer na sua própria existência, na medida em que compreende-se como parte de um contexto social específico.

É natural do homem buscar pertencer a uma coletividade e criar meios para amparar-se na experiência. É por meio da linguagem que o convívio comum se torna “pacífico”, no sentido de que há comunicação e identificação entre todos de um grupo. No entanto, o homem planeia a linguagem³ para sobreviver na natureza.

Consequentemente surge a necessidade de pertencer a um meio comum. Essas, aparentemente, são as primeiras funções que impulsionam o homem a desenvolver a linguagem, no entender de Nietzsche. Em consequência disso, o homem aprimora o intelecto, com o passar dos tempos, passando a considerar suas próprias elocubrações como verdades, por esquecer que ele mesmo é o criador desse artifício conhecido por linguagem.

³ “No ensaio *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, Nietzsche pensa a linguagem enquanto relação. Faz ver que nela se aloja a crença de que pode apreender as coisas tal como são. Partindo da distinção kantiana entre fenômeno e *noumenon*, quer mostrar que à medida em que não se tem acesso à coisa-em-si, as palavras não correspondem às próprias coisas, mas apenas às relações que o indivíduo tem com elas. Em *Humano demasiado humano*, ele retoma os ataques à linguagem enquanto expressão adequada da realidade. Abandonando o referencial kantiano abraça então a crítica positivista à metafísica. É nesse contexto que denuncia os preconceitos que se instalam na linguagem. Com as palavras e os conceitos, não nos limitamos a *designar* as coisas, mas acreditamos através deles apreender a verdade”. (MARTON, 2016, p. 286).

2. O suprassensível e a transvaloração de Nietzsche

No que concerne à linguagem utilizada na filosofia, pode-se afirmar que o autor esboça uma certa rejeição à filosofia estritamente conceitual, por se tratar de uma filosofia que, em certo sentido, se desvia da vida como afirmação. Assim, Nietzsche recorre à tradição filosófica, por meio da qual, metodologicamente, desenvolve sua perspectiva do ponto de vista da transvaloração⁴ desses valores enraizados na tradição, como será explicitado posteriormente. Isso pode ser constatado em sua obra, quando ele direciona sua crítica à filosofia platônica: Para Nietzsche, há um certo distanciamento entre os conceitos fixados na tradição filosófica e o campo das ações humanas. Sua filosofia incide contra a filosofia de Platão, por se sustentar na negação da vida, ao mesmo tempo em que visa uma realidade pautada no ideal.

Nietzsche ressalta a importância das nuances que compõem as singularidades das coisas, as quais não se destacam nesse enquadramento conceitual projetado pelo homem, habituado a compreender as coisas pelo seu valor de verdade. O que ele defende, portanto, vai de encontro aos pensamentos ocidentais vigentes apontados pelo autor. A filosofia de Platão e a tradição cristã⁵ sendo esta, uma espécie de atualização da primeira, se for observado que o pensamento cristão está fundamentado na filosofia platônica, são exemplos disso, como será explicitado no fragmento a seguir:

⁴ O termo transvaloração dos valores surgiu na obra de Nietzsche após *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, no entanto, não está incorreto utilizá-lo nesta pesquisa, visto que, ao tratar do problema da verdade, o autor metodologicamente realiza o movimento de inversão da perspectiva platônica, que em linhas gerais, significa inverter a concepção de Platão, que por sua vez, defende que o conhecimento verdadeiro das coisas está no suprassensível. Nesse sentido, se a filosofia de Platão se reproduz em vários aspectos no cristianismo e a filosofia nietzschiana considera essas duas vertentes de pensamento danosas à constituição do homem na sociedade, é pertinente que a noção de transvaloração seja considerada neste estudo. Falar de verdade, em termos nietzschianos, implica em questionar os valores. De acordo com Marton, (2016), A transvaloração é compreendida por Nietzsche como uma tarefa que visa à destruição do valor, a partir do qual todos os valores foram engendrados. Em três momentos de sua obra é possível identificar esta noção: em 1884 em *Assim falava Zaratustra*; em 1886 em *Para além de bem e mal* e em 1888 em *Ecce Homo*. Entretanto, mesmo não estando claramente explicitada como transvaloração, essa parece ser uma perspectiva considerada um fio condutor na sua obra. Nessa medida, a transvaloração dos valores é um ponto central na filosofia de Nietzsche.

⁵ “No pensamento nietzschiano, o cristianismo também é compreendido como artifício de conservação da vida *décadente*. Por ensinar que o sofrimento purifica do pecado e que a prática do asceticismo conduz o cristão à redenção no além-mundo, o cristianismo teria o poder de conservar a forma de vida *décadente*. Em outras palavras, o cristianismo dá um sentido a quem não suportaria mais viver o sofrimento da vida terrena, pois mostra que é justamente vivendo essa dor que o sofredor alcançará uma outra vida repleta de recompensas. Enfim, o cristianismo evita o que Nietzsche chama de niilismo suicida”. (MARTON, 2016, p. 165).

O conceito de “Deus” foi inventado como conceito antitético à vida – nele se encontra condensado, numa unidade atroz, tudo o que é prejudicial, venenoso, caluniador, toda a hostilidade mortal contra a vida! O conceito de “além”, de “mundo verdadeiro”, foi inventado para desvalorizar o único mundo que existe – para destruir a nossa realidade terrena, de todo o fim, de toda a razão, de todo o propósito! (NIETZSCHE, 2008, p. 109).

O platonismo, assim como o cristianismo, faz uso do pressuposto de negação da realidade sensível, com vistas ao possível acesso à realidade inteligível. Moura (2005, p. 51-52), afirma que a filosofia platônica é compreendida como: “[...] apenas a perspectiva de Platão [...], ou, então, a sua “interpretação”. Ou seja, a filosofia de Platão é uma perspectiva dentre tantas e não uma verdade encerrada em si mesma. Ainda no que diz respeito ao arcabouço do cristianismo ser o platonismo, Marton (2016, p. 165), afirma o seguinte:

[...] a negação platônica dos sentidos consiste numa preparação para o cristianismo. Essa maneira de ver baseia-se na tese de que, antes mesmo do advento do cristianismo, a filosofia de Platão também teria erigido o mundo suprassensível como a referência cardinal para promover a legitimação de uma ética ascética e negadora da vida. Tanto os mitos platônicos acerca do julgamento da alma pós-morte quanto a dualidade de “mundo inteligível” *versus* “mundo sensível” seriam noções que teriam dado embasamento metafísico a uma ética *decadente*.

O cristianismo populariza as noções platônicas adaptando-as para o acesso popular, como é possível constatar na tradição filosófica, na qual, a verdade possui valor universal e é fundada na razão, fonte desse conhecimento verdadeiro. Para o filósofo alemão, portanto, Platão preparou o terreno filosófico, a partir do qual toda filosofia posterior a ele se desenvolveu.

Com essa divisão de mundos, na qual a realidade sensível é posta em detrimento de um mundo ideal, abstrato e verdadeiro, Nietzsche (1976, p. 28), especifica algumas nuances, a partir das quais é possível observar em que medida a filosofia de Platão influencia o pensamento filosófico, como é possível observar na seguinte citação:

Expliquemos agora de maneira quão diferente nós (digo nós por cortesia) concebemos o problema do erro e da aparência. Outrora a mudança, a variação, em geral o vir-a-ser eram considerados como provas da aparência, como sinais de que

devia haver aí algo que nos extraviara. Hoje, ao contrário, vemos com exatidão até que ponto a preocupação da razão nos obriga a fixar a unidade, a identidade, a duração, a substância, a causa, a realidade, o ser, de sorte que nos enreda no erro e torna necessário o erro, ainda que mediante uma comprovação rigorosa, adquiramos a certeza de que ali existe o erro [...] só que neste caso nossos olhos são o advogado perpétuo do erro, e aquele quem advoga em favor do erro é a nossa linguagem.

O mundo, na perspectiva de Platão, possui uma realidade inteligível mais verdadeira do que a sensível. Esse movimento é tornado possível pelo desenvolvimento da linguagem em nível lógico⁶, nos moldes da filosofia tradicional, se for considerado que inicialmente na existência, o homem a desenvolve para atender às necessidades exigidas no convívio comum. Esse mecanismo vai aprimorando essa capacidade de se comunicar com o passar dos tempos. Ou seja, com o uso da linguagem é possível criar e perpetuar, por meio da noção enraizada de verdade, conceitos que determinam o caminho da filosofia, como por exemplo, a concepção de mundo das ideias e mundo sensível criadas por Platão.

3. A verdade como necessidade para o convívio comum

O problema da verdade é intrínseco à filosofia. É possível observar, desde a antiguidade, que as concepções filosoficamente assentadas são permeadas pela preocupação dos autores da tradição em definir o seu pensamento como único referencial filosófico. Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche (1992, p. 9), questiona os motivos, pelos quais a filosofia se tornou esse movimento que consiste em instituir um determinado pensamento ou conceito como verdadeiro em si. Ele questiona: “O que em nós aspira realmente “à verdade”? ”.

Redimensionando essa questão na atualidade, a implicação mais geral desse movimento na filosofia, notadamente a acadêmica, concerne ao estudo dos modos de pensar dos filósofos, muito mais como um exercício constante de refutação de uma

⁶ Em vários momentos desta pesquisa a linguagem é vista sob duas perspectivas: Primeiramente, do ponto de vista da sua utilidade imediata ao seu surgimento, como veremos a diante, bem como, a linguagem é compreendida e tratada aqui como uma ferramenta principal da filosofia, que obedece aos critérios lógicos e racionais, sobretudo, no que diz respeito a tradição filosófica, notadamente a modernidade. Em ambas as situações, a linguagem está para amparar e mediar a relação do homem com o mundo e as coisas.

filosofia anterior em relação a mais atual. Nietzsche percebe o quanto a linguagem se impõe e determina o caminho da filosofia, como é possível constatar no fragmento seguinte:

Nietzsche havia entendido lucidamente que o destino da filosofia era em grande parte determinado pela linguagem, ou, que a transformação e manifestações sofridas por ela [pela linguagem] desde suas possibilidades originais, eram de extrema importância para a compreensão do desenvolvimento da filosofia até os dias atuais. (GUERVÓS, 2000, p. 11, tradução nossa).

Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (2008), por meio de uma fábula acerca da invenção do conhecimento, Nietzsche analisa a dimensão social do uso do intelecto e da linguagem. Por meio desse mecanismo mediador da relação entre o homem e as coisas, o homem sobrevive no âmbito social, e, conseqüentemente, conserva a própria existência, como será exposto na seguinte passagem:

Como meio para a conservação do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação; pois esta constitui o meio pelo qual, os indivíduos mais fracos, menos vigorosos, conservam-se, como aqueles aos quais é denegado empreender uma luta pela existência com chifres e presas afiadas. (NIETZSCHE, 2016, p. 27).

O autor desenvolve sua perspectiva concernente à verdade como produto do intelecto. Como fora explicitado no fragmento anterior, não se trata de um instrumento, no qual se originam verdades essenciais à vida, mas antes de qualquer utilidade, o intelecto humano funciona como um mediador da relação entre o homem e sua realidade vivida. A verdade pode ser descrita, de maneira geral, como um composto de designações uniformes e válidas, estabelecidas entre os homens. Esses signos são expressos na linguagem.

Nietzsche discorre sobre o modo como a verdade se constitui, contudo, essa crítica não pode ser expressa, senão por meio da própria linguagem. Nesse sentido, ele expõe o que pensa evitando fazer uso de uma escrita estritamente conceitual. A esse respeito Mosé (2018), afirma que o autor faz uso de aforismos, paródias, recursos poéticos, literários e de alguns conceitos bomba, como o eterno retorno e vontade de potência, ao colocar sua compreensão referente aos questionamentos que

suscita em sua obra, para se desviar do padrão de escrita filosófica fundamentado na tradição.

O pensamento nietzschiano se insurge contra a noção de verdade universal, atravessada por convenções da comunicação da linguagem. Isto é, Nietzsche não abdica do lugar daquele que ensina, e, concomitante a isso, ele constrói um estilo próprio que o permite, metodologicamente, desautorizar os fundamentos constituídos nas próprias leis da comunicação.

*Sobre verdade e mentira no sentido extramoral, VM*⁷, é o cenário, no qual Nietzsche discorre metaforicamente acerca do surgimento do conhecimento no âmbito da filosofia. Na certeza desse conhecimento verdadeiro, as coisas se desenvolvem em uma sociedade, na qual o homem, a mais frágil espécie, mantém a própria existência com uma certa arrogância, já que aparentemente desconhece a fragilidade de ser o criador das verdades que amparam sua existência. Por necessidade, o homem cria as denominações e por esquecimento, as utiliza como verdades em si mesmas.

Não é com o conhecimento puro em si mesmo que o homem está preocupado. Anterior ao surgimento da filosofia, o homem inventa a linguagem para sobreviver no mundo. Em algum momento da existência humana, o filósofo eleva o que antes era uma ferramenta de sobrevivência, ao nível de um produtor de conhecimento verdadeiro. Um exemplo dessas invenções são os valores morais pautados na existência comum. Na tradição filosófica não é diferente com os conceitos. Contudo, toda verdade assentada é um produto do intelecto. Nos dois casos, a verdade permanece como alicerce de todo percurso da linguagem.

O homem de ação, bem como, o da filosofia, interpretam o mundo por meio da linguagem; delimitam e acessam as coisas. Isso se torna problemático, tendo em vista que se tratam de transposições arbitrárias e criações humanas, expressas por meio da linguagem, que adquirem uma conotação de verdade inquestionável. Essa interpretação de mundo, tornada possível na linguagem, no âmbito da moralidade é criticada duramente pelo autor em sua obra: é em exemplo de verdade como referencial de boa conduta a ser seguido. Aqui já se tem um exemplo do que são as designações uniformemente obrigatória das coisas. Assim, é inviável cristalizar

⁷ Abreviação para *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral*.

noções engendradas a partir de necessidades existenciais que não obedecem uma exatidão conceitual, tendo em vista o aspecto volátil da vida.

É compreensível que petrificar conceitos supostamente necessários à coexistência sem avaliação dessas noções, é o mesmo que colocar o homem como elemento passivo na própria experiência de vida. Na medida que isso ocorre, os aspectos peculiares às vivências são desconsiderados em nome de se deter um conhecimento verdadeiro e absoluto. Linguagem e verdade no contexto aqui tratado são a mesma coisa: isso porque a linguagem se desenvolve por meio da consciência, que, por sua vez, se desenvolve, no sentido aqui abordado, construindo a linguagem, que pretende ser a expressão do conhecimento verdadeiro das coisas.

4. Linguagem e verdade

É preciso questionar qual é a relação entre linguagem e verdade universal assentada pela tradição. De acordo com Mattos (2013, p. 26), “[...] e se, em vez de seguirmos obstinadamente a nossa busca da verdade – como teriam feito todos os filósofos até aqui, passássemos a discutir ideias e conceitos segundo o valor que possuem para nós? ” A maneira como os indivíduos convivem se constitui nessa busca incessante pela verdade na filosofia e na experiência comum. Consequentemente, são os valores da vida gregária que comportam, nos seus fundamentos, os ideais norteadores da existência, petrificados pela tradição filosófica.

Nietzsche propõe, nesse sentido, a superação da visão de conhecimento absoluto e verdadeiro das coisas, como descoberta suprassensível, conforme defende o idealismo platônico. É possível observar, em sua obra, momentos nos quais ele dirige sua crítica negativa à filosofia conceitual por desprezar o vivido, ao mesmo tempo em que erige uma realidade suprassensível como verdadeira em si. Nietzsche repreende a ideia de um conhecimento universal e necessário das coisas, por se tratar de algo inútil à vida humana em seu permanente devir.

É importante ressaltar que sua problematização, referente a questão central de VM, se desenvolve no plano de uma inversão de perspectiva da filosofia tradicional. Metodologicamente, o autor subverte a lógica platônica referente ao conhecimento, uma vez, que no entender de Nietzsche, a filosofia de Platão coloca o conhecimento formal das coisas no patamar de verdadeiro e o que existe na experiência são cópias

de uma realidade ideal. A inversão da perspectiva platônica é instaurada de modo a conduzir o leitor a questionar esse sistema, que determina o conhecimento verdadeiro como aquilo que pode ser obtido por meio de conceitos universais, como o fez Platão em sua obra.

De acordo com Machado (2021), se para Nietzsche a doutrina platônica divide a realidade em sensível e suprasensível, sendo esta a realidade verdadeira e imutável, é urgente que a refutação do platonismo assuma no discurso nietzschiano as posições estratégicas de inverter e superar essa oposição de valores criada por Platão. É possível afirmar, em certo sentido, que a teoria das formas fundamenta a perspectiva da criação de valores, na qual o mundo das ideias possui o mais alto grau de realidade em relação à realidade sensível. Nietzsche discorda ao afirmar a vida como critério de avaliação das coisas.

Nessa medida, a inversão da perspectiva platônica e a transvaloração dos valores são compreensões muito próximas, ainda que tenham sido criadas em momentos distintos da sua obra e possuem a mesma finalidade: desconstruir para erigir concepções afirmativas à vida. Corroborando com o que fora exposto, na citação a seguir, Nietzsche trata da transvaloração como componente metodológico, que provoca uma outra compreensão do que já está posto pela tradição:

Transmutação de todos os valores: eis a minha fórmula para um acto de suprema auto-reflexão da humanidade, que em mim se fez carne e gênio [...] fui o primeiro a *descobrir* a verdade [...] Contradigo, como nunca se contradisse, e, todavia, sou o contrário de um espírito negador". (NIETZSCHE, 2008, p. 102).

Refletir acerca da ideia de verdade como negação da vida, no sentido de que afirmá-la como socialmente estabelecida é colocar o homem em posição daquele que é direcionado para esse enquadramento de convenções; ser humano é necessariamente se adequar a isso. A verdade platônica enraizada na filosofia é inútil por não se referir às experiências e suas nuances, mas a conceitos que explicam as experiências, em certo sentido, mutiladas se for considerado que seus aspectos mais singulares são desconsiderados, para que assim a verdade se estabeleça. A “suprema auto-reflexão da humanidade” proposta por Nietzsche, nesse sentido, se dá na própria existência que compreende a verdade como uma invenção do homem, na medida em que para coexistir socialmente, cria-se meios de manutenção para viver e a linguagem, bem como a concepção de verdade são exemplos disso.

5. Vivência como critério de avaliação dos valores

Desestabilizar os valores estabelecidos é relevante para a dinâmica de avaliação dos valores, proposta pelo autor, considerando o fato de os valores serem propriamente humanos, mutáveis e em conformidade com as circunstâncias existenciais. Nesse movimento ocorre a desvalorização dos valores cristalizados na tradição, no sentido de que esses sejam avaliados de acordo com as circunstâncias que se insurgem na existência. Em termos nietzschianos, se trata do fim da supremacia dos valores. Machado (2021, p. 123), ressalta a importância da vivência na edificação de valores norteadores do agir humano:

[...] a característica fundamental do projeto de transvaloração é opor aos valores superiores, e mesmo à negação desses valores, a vida como condição de valor, propondo a criação de valores, que sejam os valores da vida, ou melhor, propondo a criação de novas possibilidades de vida.

Ao atravessar a experiência é possível avaliar quais valores são adequáveis e quem os institui, sem que eles, os valores, assumam uma conotação de universalidade no convívio em grupo: “Eis porque a filosofia dos valores é na verdade uma filosofia da avaliação: o mais importante do procedimento nietzschiano é o fato de tematizar os valores, a partir do que está na base de toda avaliação; é o fato de remeter as apreciações de valor à vida[...]”. (MACHADO, 2021, p. 125).

Nietzsche sugere que o homem volte seu olhar para o agir humano e para o pensar, a partir do que se concretiza no campo das ações, haja vista que não se faz filosofia aplicando forçosamente os conceitos abstratos à experiência, mas o conhecimento que se pretende verdadeiro, na ótica nietzschiana, se constitui na vivência em comum e pode ser medido em função do quanto ele favorece ou não à vida. De acordo com Mattos (2013, p. 28):

Isso não quer dizer, no entanto, que toda e qualquer ficção seja *igualmente* válida ou eficaz nessa sua função de preservação ou fomento da vida: a nova questão, que agora se apresentou, diz respeito justamente a uma comparação possível, entre juízos ou ficções, que permita aferir o *quanto* eles favorecem a afirmação da vida, ou o *quão* bem o fazem.

Diante do que fora mencionado, é válido que a verdade, em última instância, possua finalidade prática, para atender às necessidades imediatas da vida gregária. Isso difere do ideal de verdade como inquestionável, como ocorre na tradição filosófica, uma vez que a verdade surge de precisões puramente existenciais anteriores até mesmo à filosofia. Em sua obra Mattos (2013, p. 29), propõe a seguinte reflexão a esse respeito: “[...] o que aconteceria se, em vez de medir o valor⁸ de nossas ideias pela sua suposta veracidade ou falsidade, o medíssemos em função do quanto elas favorecem (ou desfavorecem) a conservação e a expansão da vida?”.

É por esse caminho que Nietzsche conduz sua reflexão. Para ele, o campo das ações é o lugar, no qual, o homem, por meio das ações e também pela convivência, conhece “verdadeiramente” as coisas. Isso porque a verdade está em constante avaliação, sob a perspectiva da mobilidade e não da fixidez conceitual. Ela não se desenvolve a partir de princípios inatos, mas se constitui no que ocorre circunstancialmente. As verdades, portanto, se relacionam diretamente com o agir humano. A esfera das vivências se distingue do enquadramento do mundo, o qual, aparentemente, facilita o modo de existir de uma comunidade, considerando que aplicar um conceito é preciso quando se pretende acessar o mundo com mais destreza e sem grandes surpresas.

Verdade é uma construção com vistas ao acordo social de coexistência pacífica. Não se trata de um ideal: são convenções instituídas em contextos específicos, o que difere da tradição, que preserva formulação de conceitos ou verdades que se pretendem irrefutáveis. Essa inquietação do filósofo, com relação a filosofia pautada na elaboração conceitual, perpassa em alguma medida por toda sua obra⁹, na qual Nietzsche direciona a sua reflexão para o campo das ações humanas,

⁸ “Embora presente em escritos anteriores à *Assim falava Zaratustra*, é a partir dessa obra que a noção nietzschiana de valor passa a operar uma subversão crítica. Então, ela põe de imediato a questão do valor dos valores e esta, ao ser colocada, levanta a pergunta pela criação dos valores. Se o valor dos valores “bem” e “mal” não chegou a ser posto em questão, é porque eles foram vistos como existindo desde sempre: instituídos no além, encontravam legitimidade num mundo suprasensível. Se nunca se hesitou a atribuir ao homem “bem” um valor superior ao do mal, é porque os valores foram considerados essenciais, imutáveis, eternos. No entanto, uma vez questionados eles se revelam “humanos demasiado humanos”; surgiram em algum momento e em algum lugar e, por isso mesmo, possuem uma proveniência e uma história. Assim o valor dos valores está em relação com a perspectiva avaliadora a partir da qual ganharam existência”. (MARTON, 2016, p. 407-408).

⁹ Este estudo não elenca especificamente em quais obras Nietzsche discorre sobre o problema da verdade na filosofia, embora aqui seja encontrada também referências a outras obras do autor, que se referem a essa questão.

e, por isso, se baseia na história para colocar suas problematizações, contrárias à doutrina platônica dos dois mundos.

O filósofo alemão se opõe radicalmente a este modelo de filosofia, que despreza a vida, com o objetivo de manter em vigência o enquadramento conceitual de uma realidade ideal. Segundo o autor, “Platão é covarde diante da realidade e por isso se refugia no ideal”. (NIETZSCHE, 1976, p. 107). As formas da doutrina de Platão não é um tipo de conhecimento aplicável, mas contemplativo. Nietzsche desestrutura os fundamentos da filosofia tradicional. Ele provoca o homem a questionar em que medida conhecer as formas é útil à vida. No que diz respeito à mudança de perspectiva do que está consolidado, Machado (2021, p. 122), expõe o seguinte:

[...] a filosofia de Nietzsche é, antes de tudo, uma luta contra a filosofia, ou melhor, contra o platonismo da filosofia- o que significa para ele a mesma coisa-, a partir da qual a perspectiva trágica, dionisíaca, critica os valores metafísicos, morais, epistemológicos que vigoram na modernidade.

O conhecimento, que erige a verdade como valor inquestionável, é compreendido, a partir de uma perspectiva inversa à tradicional e conexa ao âmbito das ações, tendo em vista que a verdade se constitui na prática, por meio das ações dos indivíduos de uma comunidade. Em termos precisos, os valores humanos não são universalizáveis. No que concerne aos valores, cada contexto comum aos indivíduos possui suas especificidades. Por exemplo, o que uma determinada comunidade necessita para coexistir pacificamente difere das outras, e, diante disso, se pode constatar que o pensamento do autor se distingue do que fora pensado na tradição, por se relacionar intrinsecamente com o agir humano e não com verdades abstratas.

A crítica de Nietzsche está direcionada à postura do filósofo como elaborador dos conceitos, o que vai de encontro ao que a história da filosofia defende, a saber, que o conhecimento verdadeiro é obtido por meio da formulação de conceitos abstratos. No entender do autor, a verdade, que o homem acredita ser em si mesma, é construída na relação entre intelecto e linguagem, visando, sobretudo, uma interação com o mundo e as coisas.

O intelecto humano acredita possuir um conhecimento verdadeiro e universal acerca das coisas. Por esquecimento de que se trata apenas de uma crença na própria invenção, conclui-se que a verdade e a linguagem são indissociáveis. Essa

relação não implica que haja o conhecimento das coisas como elas são em si. No fragmento a seguir, Nietzsche (2008, p. 26), reforça a ideia de o filósofo se perceber como detentor de um conhecimento inquestionável:

Na natureza não há nada tão ignóbil e insignificante que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não inflasse, de súbito, como um saco; e assim como todo carregador de peso quer ter seu admirador, o mais orgulhoso dos homens, o filósofo, acredita ver por todos os lados os olhos do universo voltados telescopicamente na direção de seu agir e pensar.

Em *VM*, o intelecto humano, segundo Nietzsche, é o responsável por inventar a noção de conhecimento e verdade. O intelecto faz parte da estrutura humana, por meio do qual, o homem, a mais frágil espécie, se mantém e sobrevive com uma certa arrogância por esquecer ou mesmo desconhecer que “[...] para aquele intelecto não há nenhuma missão ulterior que o conduzisse para além da vida humana”. (NIETSCHE, 2008, p. 25). Diante dessa afirmação, é possível notar que o homem sente a necessidade de se manter na natureza, e, por meio do intelecto, ele desenvolve mecanismos que o permitem conservar sua existência. O disfarce é a manobra inicial do intelecto, como estratégia de auto conservação. Com isso, o homem sustém sua existência enquanto parte de um todo social.

Nesse sentido, o intelecto humano se movimenta para manter-se na existência e quando sai do seu estado natural, isto é, quando se desloca no sentido de criar artifícios mais elaborados para viver ele dissimula. No entender de Nietzsche (2008, p. 27-28), “[...] o engano, o adular, o mentir e enganar, o falar pelas costas, o representar, o viver em esplendor consentido, o mascaramento, a convenção acobertadora, o fazer drama diante dos outros e diante de si mesmo, numa palavra, o constante saracotear em torno da chama única da vaidade [...]”, são as principais astúcias executadas pelo intelecto, como uma espécie de aprimoramento de seu estado inicial.

Por meio desse esquecimento o homem cria denominações e as utiliza como verdades em si, e essas são expressas por meio da linguagem. Nesse sentido, o intelecto humano, segundo Nietzsche (2008), está para o homem, assim como as presas e chifres estão para os animais. No entanto, por ser um animal social, o homem cria signos para conviver em comunidade: não se trata mais de defender-se uns dos

outros. Não há mais a “guerra de todos contra todos”, a qual Hobbes se refere, já que a linguagem, nesse estágio, evolui para o nível da criação dos conceitos.

Significa dizer que o homem inventa os signos que o permitem construir sua realidade em grupo. Com o surgimento da filosofia, os conceitos filosóficos mantêm, do mesmo modo que na experiência comum, a cena filosófica fundamentada por convenções da linguagem, que em linhas gerais, são pontos de vista estabelecidos como “verdade”. Não seria uma tarefa fácil se ocupar em enquadrar, por meio das definições, tantos aspectos singulares.

O conceito se insurge para delimitar; para caber na razão; como será explicitado posteriormente. A verdade é uma junção de signos que facilitam a experiência. Essa afirmação vai de encontro à ideia de que a linguagem diz as coisas como elas são. Ao contrário, sua função é, isso sim, torná-la acessível à vida gregária, por meio de sua superficialidade.

Embora a filosofia não pareça se importar em tornar suas elocubrações acessíveis elas o são, na medida em que estão cercadas pela dinâmica conceitual. O homem, quando inventa a linguagem, sai de uma condição natural para uma condição artística de inventor. No entanto, ao racionalizar o pensamento, ele próprio é encarcerado pela sua invenção. O intelecto não fabrica verdades universais, mas estratégias que atendam às precisões de um grupo. Significa dizer que não existe verdade universal.

Esse movimento intelectual de buscar se constituir e, sobretudo, se acomodar no socialmente estabelecido, conduz o indivíduo, sobretudo na figura do filósofo, a cair no erro de pensar que detém o conhecimento das coisas de modo tal, que se esquece que ele próprio é o artífice da linguagem. Logo, o homem se engana com relação ao valor de sua existência. No que diz respeito à pretensão humana em deter o conhecimento, Nietzsche (2008, p. 27), faz a seguinte afirmação: “Aquela audácia ligada ao conhecer e sentir, que se acomoda sobre os olhos e sentidos dos homens qual uma névoa ofuscante, ilude-os quanto ao valor da existência, na medida em que traz em si a mais envaidecedora das apreciações valorativas sobre o próprio conhecer”.

Não há missão a ser cumprida pelo intelecto. Isso porque todo conteúdo fabricado nele está relacionado às ações humanas e às vivências de um modo geral. O homem sente a necessidade de existir socialmente e “em rebanho”. Mas, como

consequência da invenção das convenções válidas e uniformes, os indivíduos se consideram superiores aos outros seres existentes porque fazem uso da linguagem. E o que inicialmente havia sido inventado para mediar e pacificar a convivência entre todos, ao passar pelo processo do esquecimento é fixado sob a etiqueta de conhecimento verdadeiro e puro das coisas.

Linguagem, verdade e conhecimento, na ótica nietzschiana, germinam na coexistência entre indivíduos pertencentes a uma determinada configuração social. Isso é o que torna viável a convivência. Nietzsche propõe, antes de manter uma verdade como necessária, que seja pensado em que medida essa verdade é favorável à conservação da vida. Conforme o autor:

A falsidade de um juízo não chega a constituir, para nós, uma objeção contra ele; é talvez nesse ponto que a nossa nova linguagem soa mais estranha. A questão é em que medida ele promove ou conserva a vida, conserva ou até mesmo cultiva a espécie; [...] reconhecer a inverdade como condição de vida: isto significa, sem dúvidas, enfrentar de maneira perigosa os habituais sentimentos de valor; e uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal. (NIETZSCHE, 1992, p. 11).

Nos moldes nietzschianos, estar para além do bem e do mal é movimentar-se no sentido de forjar novos meios de pensar a própria realidade. Ao filósofo cabe a tarefa de considerar o âmbito das ações, pois, é na vida que os problemas que precisam ser pensados se encontram e isso não possui afinidade com aspectos supracensíveis. A filosofia, diante disso, ordena seus posicionamentos universais, por meio dos conceitos, no entanto, é pertinente lembrar que nenhuma verdade é adequável a toda e qualquer circunstância que se apresente. Um exemplo nítido são os valores morais, engendrados pelo cristianismo. Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche (1992) afirma que a doutrina cristã é e quer ser somente moral com seus padrões absolutos e sua veracidade.

O entendimento nietzschiano de verdade vai no sentido de uma perspectiva plural e afirmativa à vida, isto é, “[...] a história da ideia de verdade parece remeter não ao universo do conhecimento, mas à necessidade humana de duração, de estabilidade. Colocar a verdade conceitual em questão é, antes de tudo, duvidar de toda produção conceitual sustentada nesta crença.” (MOSÉ, 2018, n.p). Diante disso, conhecimento e verdade estão ligados, isso sim, às precisões do convívio comum.

É no efetivo, no âmbito do agir prático e com a convivência em comunidade que a verdade, no entender de Nietzsche, pode ser submetida a avaliação. De outro modo, ela não passa de um ideal, aparentemente norteador, que por vezes em nada se assemelha ao real. Segundo Nietzsche (1976, p. 107), é necessário “[...] ver a razão na realidade e não na razão”. Ou seja, na medida em que a verdade se baseia na experiência, ela foge da dinâmica de enquadramento conceitual confrontada por Nietzsche, possibilitando o surgimento de uma multiplicidade de perspectivas, próprias da existência.

Na citação a seguir, Mosé¹⁰ (2018, n.p), explica o seguinte a respeito da linguagem:

A crítica nietzschiana da linguagem parte, portanto, segundo nos parece, da consideração de que a linguagem, desde o seu nascimento, responde àquilo que a estrutura racional, nascida com a filosofia socrático-platônica, vai ter como fundamento: a vontade de produzir duração como forma de se contrapor à multiplicidade móvel que é a vida. É esta vontade de duração atribuída ao pensamento ocidental desde Platão que Nietzsche percebe presente também no nascimento da linguagem.

Na atmosfera filosófica, é a partir de Platão que a linguagem fornece ao homem a primeira experiência de duração. Nietzsche não se refere à sua forma gramatical, mas a relação metafísica existente entre as palavras e os signos criados e incrustados socialmente pelo próprio homem. A respeito da relação daquilo que é dito com a verdade, Barros (2008, p. 10), expõe o seguinte:

Concebendo o pensar como uma inequívoca atividade de simbolização enunciativa, ela (a filosofia) parece ter sempre dado atenção especial à dimensão apofântica da linguagem, tomando enunciados verbais por verdadeiros ou falsos em função de descreverem corretamente ou não o mundo. O que ocorreria, porém, se a verdade dos enunciados não passasse de um tipo de engano sem o qual o homem não poderia sobreviver? E se a condição da verdade fosse a mesma da mentira? Revelar-se-ia, então, o atávico caráter dissimulador do intelecto humano, e, com ele, a suspeita de que entre o “refletir” e o “dizer” não vigora nenhuma identidade estrutural.

¹⁰ É pertinente destacar que a obra utilizada na pesquisa não está paginada. Nesse sentido, não é possível especificar a página citada. Por isso, a numeração está substituída pela sigla “n.p”.

Por relação metafísica compreende-se, nesse contexto, que o autor se refere à necessidade de o homem estabelecer entre a linguagem e as coisas uma relação de universalidade necessária, como se de fato os nomes atribuídos as coisas dessem conta de identificar a essência da coisa em si mesma. Contudo, o ato de nomear é um modo de agir sobre as coisas, o que difere de uma possível relação de causalidade entre as denominações e tudo o que são por elas designados. No alicerce disso está a vontade humana de existir como parte de um grupo.

É pela sustentação do pilar da gregariedade que o homem fundamenta a sua pretensão por assentar verdades norteadoras. Isso ocorre tanto no platonismo como no cristianismo¹¹, o qual Nietzsche afirma ser uma espécie de “platonismo para o povo”. Essa necessidade de duração evita que o homem se inclua na mudança constante, a única coisa permanente na existência.

O indivíduo não consegue, na vida em rebanho, suster-se sem as convicções formuladas na linguagem. Por meio dela, as convenções consolidadas pelo intelecto, condicionado a satisfazer a vida em rebanho, mascaram a fragilidade humana diante da natureza e toda sua multiplicidade, ainda que ele mesmo, o inventor da linguagem, pareça esquecer também que é parte desse cenário plural, denominado de natureza.

O que está assentado socialmente, como por exemplo, as convenções da linguagem e os valores morais, são meios de sobrevivência em comum. Sobretudo por isso, são obrigatoriamente passíveis de questionamento. É vigente que esse posicionamento questionador seja inerente à postura do filósofo. Isso é uma concordância geral da filosofia, pois o ato de questionar é uma atividade constante nessa atmosfera. Essa mobilidade expressa no perguntar filosófico é a base da filosofia. Em *Além do Bem e do Mal – Prelúdio de uma filosofia do futuro*, o filósofo alemão exprime nitidamente sua filosofia da resistência à tradição:

¹¹ “[...] no pensamento nietzschiano o cristianismo também é compreendido como artifício de conservação da vida *décadente*. Por ensinar que o sofrimento purifica do pecado e que a prática do ascetismo conduz o cristão à redenção no além-mundo, o cristianismo teria o poder de conservar a forma de vida *décadente*. Em outras palavras, o cristianismo dá um sentido a quem não suportaria mais viver o sofrimento da vida terrena, pois mostra que é justamente vivendo essa dor, que o sofredor alcançará uma vida repleta de recompensas. [...] ainda é necessário ressaltar que Nietzsche defende a tese de que existe uma íntima relação de semelhança e continuidade entre o platonismo e o cristianismo. Ele afirma, por exemplo, que a negação platônica dos sentidos consiste numa preparação para o cristianismo. Essa maneira de ver baseia-se na tese de que, antes mesmo do advento do cristianismo, a filosofia de Platão também teria erigido o mundo supracosmético como a referência cardinal para promover a legitimação de uma ética ascética e negadora da vida. [...] Nietzsche defende que o cristianismo seria uma espécie de platonismo adaptado às massas, pois essa religião teria popularizado um argumento retórico que já se encontrava no pensamento de Platão.” (MARTON, 2016, p. 165-166).

Talvez! – Mas quem se mostra disposto a ocupar-se de tais perigosos *talvezes*! Para isso já é preciso esperar pelo advento de uma nova espécie de filósofos que tenham gosto e pendor diversos, contrários aos daqueles que até agora existiram – filósofos do perigo *talvez* a todo custo. (NIETZSCHE, 1992, p. 10-11).

No cerne dos seus escritos, Nietzsche constantemente propõe que o conformismo seja substituído por uma postura ativa do filósofo diante daquilo que o inquieta. Pois, é no momento da renúncia do que está habitualmente firmado, que o homem foge da condição imposta pelo empobrecimento da etiquetagem das coisas.

O posicionamento nietzschiano não pretende rebaixar o intelecto, pois, embora ele considere equivalentes a necessidade de assegurar a existência do homem, a partir do ato intelectual de dissimular, com o instinto de sobrevivência dos animais, que possuem presas e chifres e os utilizam para continuar a viver na natureza, Nietzsche retira o intelecto da condição de algo que produz verdades em si, ao afirmar que o modo de agir humano é alicerçado no âmbito social, e, por conseguinte, o intelecto formula suas dissimulações e isso possui uma finalidade social. Assim sendo, é a partir de uma análise da função do intelecto como produtor da linguagem, haja vista que todo deslocamento filosófico desta pesquisa é efetuado a partir dessa compreensão, que essa crítica se desenvolve. A linguagem é o meio pelo qual o homem interage com o mundo. É o elemento mediador entre o homem e sua própria existência.

A esse respeito Nietzsche (2008, p. 30), faz a seguinte indagação: “Então a linguagem é a expressão adequada de todas as realidades?”. É possível afirmar que o pensamento humano é moldado desde a sua base, por meio da convivência social, da comunicação entre os indivíduos e da identificação. Isso é possível a partir do uso da linguagem. Nesse contexto, as concepções vigentes, bem como, os conceitos estabelecidos pela filosofia, irrompem justamente das designações, que estão à disposição de todos, se conformam às configurações sociais e têm sua origem no intelecto humano. Isto é, a linguagem é compreendida como indissociável do homem.

As considerações expostas permitem afirmar que a partir da análise da profundidade crítica do trabalho metodológico do autor, essas questões são explanadas nesse estudo, que pretende oferecer a perspectiva nietzschiana de

verdade, originada e enunciada por meio da linguagem, direcionando um olhar filosófico para essa reflexão, no que diz respeito ao valor humano na existência.

Os signos de comunicação e a verdade gregária

1. Verdade como dissimulação e convivência gregária

Na obra de Nietzsche é possível identificar que o problema da verdade está relacionado à construção dos valores morais, conforme será exposto mais adiante. Precisamente em 1873, o autor escreve um artigo cujo título é *Introdução teórica sobre verdade e mentira no sentido extramoral*. Nesse momento de sua obra, o autor “desautoriza” a crença na verdade como um princípio originário e fundamento de ser. Acerca do problema da verdade na esfera histórica Marton, (2016, p. 408) afirma:

Ao longo de sua obra, Nietzsche identifica o problema da verdade como sendo primeiramente da esfera da moral¹² e dos valores. As investigações históricas e genealógicas revelam que só tardiamente a verdade começa a pertencer ao reino da lógica, do conhecimento e do real. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral contém a primeira e mais ampla tentativa de Nietzsche em levar sua tese sobre a procedência moral da verdade até as últimas consequências, mostrando a impossibilidade de sua fundamentação.

A verdade¹³ é um acordo. Uma ficção que surge a partir do homem para atender às necessidades que aparecem nas circunstâncias gregárias. Por isso, a linguagem é convencional, e, na ótica de Nietzsche, ela representa a relação que o homem estabelece com o mundo. Nessa medida, não produz nada que possa ser de valor universal e que ultrapasse os acordos sociais. Ela opera no nível da superficialidade, por isso, não há verdade para além desse entendimento. Conforme Kossovicht, (1979, p. 50):

¹² Falar da moral é imprescindível para se ter uma ideia da dimensão que a crença na verdade possui na sociedade; o ideal de verdade faz parte dos costumes designados e enraizados na esfera social. Compreende-se que esses valores construídos e impostos são exemplos daquilo que Nietzsche ataca em sua filosofia, pelo fato de essas noções impedirem o homem de se afirmar na vida e sentir-se potente para exercer sua existência. O próprio acordo de paz é um conjunto dessas noções. Nesse sentido, falar de verdade, mentira e linguagem implica em colocar em questão os valores moralmente instituídos.

¹³ “Dizer a verdade e acreditar na sua existência torna-se um componente essencial para que o tecido social não se decomponha. Essa necessidade de crer na verdade Nietzsche denominará de *pathos* da verdade. Mesmo diante das evidências da impossibilidade de alcançar a verdade, esse *pathos* impulsiona o homem a acreditar na sua existência. Nas obras posteriores a 1873, o problema da verdade, embora seja remetido ao campo da moral e dos valores, ganha novos contornos com o perspectivismo, a genealogia e a doutrina da vontade de potência. A filologia, como disciplina integradora da genealogia, é um dos alicerces para a tese de que não há fatos, mas apenas interpretações.” (MARTON, 2016, p. 409).

A tendência do rebanho vai no sentido da imobilidade e da conservação, não há nada de criador nela. As sensações agradáveis que inspira o homem bom, benévolo, justo (em oposição à tensão, ao temor que produz o grande homem, o inovador) são nossas próprias sensações de segurança, de igualdade; é o animal de rebanho glorificando a natureza do rebanho.

É possível observar que a tendência à conservação, propriamente humana, permeia o campo da filosofia, no qual é possível observar frequentemente essa preocupação em deter o conhecimento verdadeiro das coisas. Isso oferece uma ideia de como se configuram os debates da tradição: muito mais como uma disputa dialética do que algo útil à existência, ao ponto de o homem superar a si, como propõe Zaratustra nas três metamorfoses, ao afirmar que o homem retorna à condição de criança, para recriar a própria existência sob uma perspectiva de superação: “Inocência é criança e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer – sim.” (NIETZHE, 2018, p. 26).

Nietzsche ao se debruçar sobre as questões da filosofia, como no caso da verdade, procura superar a tradição da filosofia. Ele é um grande crítico dos conceitos e do conhecimento racional, por entender que é algo limitante para a vida, ou seja, para ele, não há filosofia se não serve à existência. No entanto, esse movimento no percurso de sua obra não despreza a história da filosofia. Na interpretação nietzschiana, a história da tradição funciona como um dos elementos que impulsionam o filósofo a construir seu pensamento, considerando, sobretudo, a mutabilidade inerente à vida. Consequentemente, sua filosofia é compreendida como uma exaltação da vida.

Sua filosofia é afirmativa. Quanto ao conhecimento, é uma visão particular que se agrega a outras compreensões, não um conteúdo inteligível e verdadeiro, no sentido que Platão atribui ao termo. Caminhar no terreno da filosofia nos moldes nietzschianos em contraposição ao pensamento da tradição, é como visitar um lugar e não fazer morada. O autor concebe o homem como uma constante superação de si mesmo, quando ao invés de recair no constante recuo à história, para se apropriar e reproduzir conceitos vencidos pelo tempo e pelas circunstâncias, realiza uma constante avaliação daquilo que alicerça o campo das ações humanas. Filosofar, nessa medida, é avaliar a vida.

Nietzsche, ainda jovem, se sente movido a pensar a questão da verdade em seu ensaio, *VM*, texto, por meio do qual, o filósofo direciona seu olhar para esse tema pela primeira vez. Entretanto, ao invés de formular uma outra argumentação a respeito da verdade, dentre tantas erigidas, o autor pensa a verdade como uma estratégia de manutenção da vida social. Com isso, desenvolve sua perspectiva inversa ao que está fixado na tradição, característica própria da transvaloração dos valores.

Com esse deslocamento ele não só se desvia da obrigação de fornecer ao leitor um ponto de vista fechado a respeito do que trata, como posiciona a verdade como um acordo social. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* “[...] contém a mais ampla tentativa de Nietzsche em levar sua tese sobre a procedência moral da verdade até as últimas consequências, mostrando a impossibilidade de sua fundamentação.” (MARTON, 2016, p. 408). Para isso, o autor propõe uma análise sobre de que modo se constitui a linguagem; sob quais condições a verdade se insurge e quais são os benefícios que o homem acessa por meio da linguagem, que, por sua vez, é um meio de comunicação e identificação.

Inicialmente, a linguagem é útil como um meio auxiliar de sobrevivência na natureza. Posteriormente, à medida em que a linguagem se aprimora surgem os conceitos. Segundo Nietzsche, o filósofo pretende conhecer verdadeiramente as coisas, crítica fundamentada a partir de uma inversão da perspectiva platônica de mundo. Para Nietzsche, o mundo “verdadeiro” ou a “verdade” das coisas se constitui na própria vida.

2. Verdade como acordo de paz

A linguagem é fabricada pelo homem por necessidade, para viabilizar a comunicação entre os indivíduos, e, por isso, entende-se que afirmar a linguagem como artefato humano contribui para a desconstrução da ideia de verdade como adequação entre os nomes e as coisas. A esse respeito Marton (2016, p. 409), expõe o seguinte:

A verdade como adequação não é possível porque as faculdades cognitivas e a linguagem como *médium* entre o pensar e as coisas revelam uma limitação intransponível, cujo ponto de apoio é a definição de Nietzsche, segundo a qual a verdade é um batalhão móvel de metáforas [...] acreditar em

adequação é julgar que um estímulo nervoso, ancestral da palavra, possa corresponder a coisas.

Quando o homem sente a necessidade de existir socialmente as designações uniformemente obrigatórias da linguagem são suficientes. Kossovitch (1976), ao falar da linguagem considera obrigatório associá-la à consciência, com o intento de demonstrar que é impossível a sua constituição enquanto uma singularidade. Ele a apresenta na perspectiva de algo que produz uma significação. Ou seja, a consciência é fundada na gregariedade e está a serviço da conservação.

De acordo com Kossovitch (1976, p. 59), “A designação é uma operação simplificadora. A distância entre a palavra e a coisa é insuperável: a linguagem está sempre aquém do objeto, assim como, a identidade é o esvaziamento da diferença. A palavra não só é incapaz de colar ao objeto; mais que isso, ela é de outra natureza”. Nesse sentido, designar é uma função da linguagem e no momento em que se nomeia algo, está também lhe atribuindo um significado. É possível afirmar, nesse sentido, que o homem ao mesmo tempo em que inventa e nomeia por meio dos signos da linguagem, percebe a si mesmo no mundo. As palavras e os conceitos reduzem para caber nos esquemas formulados nas convenções da linguagem. Todo conteúdo da linguagem obedece ao que já está fixado pelas convenções uniformes.

O acordo de paz é estabelecido para orientar a convivência em comunidade, no entanto, os homens esquecem que são autores dessas invenções tornando-as um referencial inquestionado. Por exemplo, a crença nos valores morais é fundada na ideia de verdade. Na filosofia, os conceitos são articulações de palavras, com base em determinado pensamento, possuem validade universal e são expressos por meio das próprias palavras ou dos conceitos universais, isto é, são expressos na própria linguagem que é contingente.

Nessa medida, este acordo está fundamentado na linguagem. Ela é o componente indissociável da existência humana em grupo: “Esse acordo de paz, traz consigo, porém, algo que parece ser o primeiro passo rumo à obtenção daquele misterioso impulso à verdade. Agora fixa-se aquilo que, doravante, deve ser, “verdade.” (NIETZSCHE, 2008, p. 29). A linguagem, na perspectiva nietzschiana, diz muito mais sobre a conservação da gregariedade do que verdades imutáveis. Ela expressa, portanto, a própria necessidade de coexistir em grupo. No que diz respeito a isso, Nietzsche (2008, p. 29), explana o seguinte:

Enquanto o indivíduo num estado natural das coisas quer preservar-se contra outros indivíduos, ele geralmente se vale do intelecto apenas para dissimulação: mas porque o homem quer, ao mesmo tempo, existir socialmente e em rebanho, por necessidade e tédio ele necessita de um acordo de paz e empenha-se então para que a mais cruel *Bellum omnium contra omnes* ao menos desapareça de seu mundo.

Em linhas gerais, o estado de natureza descrito por Hobbes se refere ao fato de os homens não conseguirem se entender, no que concerne à concordância entre todos. Na compreensão de Nietzsche, o nominalismo proíbe o dogmatismo. Nesse sentido, “O nominalismo de Hobbes, quer dizer, a certeza de que universal, no mundo, só existem os nomes pois as coisas nomeadas são sempre individuais e singulares, vai proibi-lo de atribuir àquelas palavras o mérito de designar essências universais [...]. ” (HOBBS, 1974, p. 21 apud MOURA, 2005, p. 38). O estado de natureza hobbesiano antecede o formato da linguagem que pretende ser unívoca para nortear a sociedade. As palavras se referem às diversas interpretações possíveis, nunca às coisas em si: no estado de natureza a linguagem possui uma finalidade básica de sobrevivência que antecede o surgimento do acordo de paz.

Por meio da verdade ou mesmo da mentira, a existência humana visa, sobretudo, à permanência. A mentira surge no cenário de VM, como uma verdade adaptada à necessidade de apenas um, não do grupo. Como é sabido, a verdade é forjada no intelecto humano e acordada socialmente. Se por algum motivo ela é modificada em benefício próprio, tem-se a mentira. Isto é:

O mentiroso serve-se das designações válidas, as palavras, para fazer o imaginário surgir como efetivo [...] Ele abusa das convenções consolidadas por meio de trocas arbitrárias ou inversões de nomes, inclusive. Se faz isso de uma maneira individualista e ainda por cima nociva, então a sociedade não confiará mais nele, e, com isso, tratará de excluí-lo. Mesmo nesse nível, o que eles odeiam fundamentalmente não é o engano, mas as consequências ruins, hostis, de certos gêneros de engano. (NIETZSCHE, 2008, p. 29).

Em outros termos a verdade nietzschiana é a mentira aceita socialmente, por meio do acordo de paz, em benefício da maioria, ao passo que, a mentira, por não trazer consequências benéficas e por se desviar desse acordo é rejeitada. Na estrutura desse processo de construção da linguagem reside um elemento fundamental à sua constituição: A intenção propriamente humana de esquematizar,

para agir sobre as coisas, e, conseqüentemente, há uma vontade de verdade¹⁴, sedimentada na história do pensamento ocidental, que conserva um ideal de verdade petrificado. Isso é característico do desejo de conservação propriamente humano.

Segundo Kossovitch (1979, p. 50), “A conservação permite a ascensão de uma nova classe dominante: o pastor do rebanho [...]. A existência gregária suprime as referências verticais. Com a supressão da diferença, da “distância”, o sentido de “superior” e “inferior” é substituído pela superfície que ignora a hierarquia”. Nessa medida, a gregariedade tende a conservar-se na imobilidade das convenções socialmente obrigatórias. Nesse sentido, viver na superficialidade para se adequar as massas é um meio de evitar as tensões do devir da existência, tendo em vista que aparentemente, o homem busca se adequar ao seu meio atravessado pelas convenções da linguagem.

3. O conceito como ficção da linguagem

Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, a análise nietzschiana referente à formação de conceitos é um dos pilares de sua crítica à concepção de verdade. Conforme Marton (2016), Nietzsche se ampara na visão kantiana, que compreende o conceito como aquilo que unifica a multiplicidade existente no campo da experiência, o que implica na negação da lógica enquanto fonte pura de conhecimento, bem como, nega também que haja um conhecimento nele mesmo que seja conhecível, do ponto de vista de seus aspectos essenciais. Essa perspectiva se relaciona com a teoria retórica da linguagem, na qual a metáfora está em posição central.

O conhecimento se desenvolve e se efetiva na vivência; ele está a serviço da sobrevivência do homem. Por meio das designações uniformemente válidas e das dissimulações do intelecto é possível coexistir socialmente. O conceito, por sua vez,

¹⁴ De acordo com Marton (2016, p. 425-426), “No entender de Nietzsche a civilização ocidental teve como um de seus elementos formadores uma “educação para a verdade”. Com essa expressão, o filósofo tem em mente um tipo de doutrina moral de origem platônico-cristã que adotou a verdade como um valor inquestionável, e que, por esse motivo, ensinou o exercício de uma rígida probidade intelectual. Na ótica do filósofo essa “educação”, funcionou como uma espécie de axioma para o exercício da filosofia e da ciência [...] Essa busca sem limites pela verdade é, justamente, o que Nietzsche chama de “vontade de verdade”. A vontade de verdade se relaciona com o ideal de conservação do homem. Em termos gerais essa vontade de verdade está vinculada à educação ocidental que, por sua vez, possui na sua base, a influência da doutrina platônico-cristã”.

surge após a instituição dessas convenções e a sua configuração é uma forma já aprimorada daquilo que o intelecto fabrica. Entretanto, ele é uma metáfora apagada, ou seja, a origem do conceito reside no mesmo lugar das transposições arbitrárias que as designações comportam.

“Como poderia algo nascer do seu oposto? Por exemplo, a verdade do erro? Ou a vontade de verdade da vontade de engano? Ou a ação desinteressada do egoísmo? Ou a pura e radiante contemplação do sábio da concupiscência? Semelhante gênese é impossível. ” (NIETZSCHE, 1992, P. 10). Em *Além do bem e do mal* o autor trata a ideia de verdade na tradição, como aquilo que pode ser obtido a partir do seu oposto, como é possível constatar na tradição filosófica, na qual os conceitos são construídos na perspectiva de sua negação.

Na filosofia, a forma com a qual os conceitos são construídos é ficcional, por estar amparada em uma ideia, qual seja, a de que os conceitos imutáveis se sustentam na crença da identidade e nas essências das coisas. No entender de Nietzsche (2008, p. 35-36):

Todo conceito surge pela igualação do não-igual. Tão certo como uma folha nunca é totalmente igual a uma outra, é certo ainda que o conceito de folha é formado por meio de uma arbitrária abstração dessas diferenças individuais, por um esquecer-se do diferenciável, despertando então a representação, como se na natureza, além das folhas, houvesse algo que fosse “folha”, tal como uma forma primordial [...] a inobservância do individual e efetivo nos fornece o conceito, bem como a forma, ao passo que a natureza desconhece quaisquer formas e conceitos, e, portanto, também quaisquer gêneros, mas tão somente um “X” que nos é inacessível e indefinível”.

É a partir da supressão das nuances daquilo que se pretende enquadrar num conceito, que a verdade se instaura; a partir desse movimento, o homem acredita que descobriu uma verdade universal e necessária a respeito das coisas. De acordo com Mosé (2018, n.p), essa crença na fixidez conceitual é compreendida por Nietzsche como “[...] produto da necessidade metafísica de duração, como anseio psicológico por fundamento. Esta vontade de duração vai se constituir como uma correlação negativa de forças na medida em que emerge como mudança, própria do tempo e da vida”.

A proposta de Nietzsche, em *VM*, converge para a convivência em comum que considere a fluidez e mobilidade da existência naquilo que está instituído na forma de

valores morais¹⁵ e de verdades inquestionáveis. Esse ataque aos conceitos, que, assim como nas convenções dissimulantes, reduzem as coisas à interpretação humana delas, denota que em última instância o seguinte intento: torná-las acessíveis ao próprio homem. Esse é o meio que o autor encontra em *VM* para corroborar com a ideia de que não há essência nas coisas, já que tudo o que se apresenta no nível da linguagem dá conta de determinar um modo de ação; uma superficialidade, e não dizer como as coisas são em si¹⁶ mesmas.

Os valores expressos na forma de conceitos são repensados sob várias perspectivas, tantas quantas forem possíveis, pois, a existência é diversa. Essa avaliação constante dos valores, ou, dos conceitos que comportam essas noções necessárias ao convívio, comprova o caráter mutável da vida. O homem fabrica e utiliza os conceitos, no entanto, é atravessado pelo esquecimento. Por isso acreditam na sua invenção como se a origem dessas convicções fosse anterior a existência humana.

“Apenas por esquecimento pode o homem alguma vez chegar a imaginar que detém uma verdade no grau ora mencionado. ” (NIETZSCHE, 2008, p. 30). A linguagem é o artifício imprescindível de amparo à existência; ela sustém o convívio social. Nessa medida, “o conhecimento é antropomórfico: não provém da “essência das coisas”, não se pode dizer que corresponda à essência das coisas; a verdade é antropomórfica. ” (MACHADO, 2021, p. 146).

Amparar a verdade na forma do conceito; cristalizar verdades universais que tornam a convivência entre todos acessível são características da cultura ocidental, na qual se desenvolve o niilismo¹⁷, que de modo geral significa, em detrimento do

¹⁵ “Como qualquer doutrina religiosa, filosófica ou política, Para Nietzsche uma moral é sobretudo uma interpretação apoiada em um sistema preciso de valores, que exprimem as condições de vida de um tipo particular de homem. Portanto, não é um dado, mas o produto de uma elaboração da realidade elaborada pelo corpo e pelos processos constitutivos, instintos e afetos[...]. ” (WOTLING, 2011, P. 47).

¹⁶ O termo coisa-em-si surge com Kant. De acordo com Sousa (2022, p. 70), a inserção desse termo na crítica de Nietzsche à linguagem se dá porque “[...] a ideia de Kant segundo a qual coisa-em-si é causa do fenômeno é duramente rechaçada por Nietzsche. Somente o fato da aceitação da existência de uma coisa-em-si, mesmo que não apreensível pelo intelecto, é razão suficiente para a censura nietzschiana em uma tentativa de superação da insistente dicotomia entre aparência/realidade. Para Kant o mundo do *noumenon*, apesar de inacessível, pressupõe o mundo fenomênico por dedução lógica e racional, o que na concepção nietzschiana é inaceitável”. Consequentemente, a noção de *coisa –em- si* impossibilita o homem de conhecer a realidade das formas, isto é, Kant impossibilita a doutrina de Platão quando introduz a noção de *coisa –em- si*.

¹⁷Essa pesquisa não discorre sobre o problema do niilismo, embora *VM* tenha sido escrito sob essa base. Contudo não está explicitado dentro do texto. Segundo Marton (2016, p. 326), “O movimento do niilismo está intimamente ligado à história das morais, principalmente a uma forma de moral que triunfou no ocidente, a moral dos escravos. [...] como “consequência lógica da *décadence*”, o niilismo é

vivido, o homem perseguir uma realidade ideal, sustentada por princípios insuficientes, que não acompanham a dinâmica do eterno vir-a-ser¹⁸ inerente a vida. É impossível que os conceitos sejam adequáveis a toda e qualquer experiência vivida, como é possível constatar nos ideais enraizados no platonismo, como expõe Machado (2021, p. 122), a seguir:

Se, como interpreta Nietzsche, o platonismo é a doutrina dos dois mundos em que o mundo sensível e mutante é o mundo da aparência e o mundo suprassensível e imutável é o mundo verdadeiro, a refutação do platonismo assume no discurso nietzschiano pelo menos duas posições estratégicas: tanto inverter quanto superar a oposição de valores por ele criada.

O que Nietzsche propõe é que os valores sejam retirados da fixidez conceitual, intrínseca à tradição filosófica, para que sejam repensados no campo das vivências. Essa é uma prova contundente, fornecida por Nietzsche, da verdade e da linguagem, como essencial à constituição dessa trajetória social. Para o autor, é possível repensá-los de acordo com a realidade. O que Mosé (2018, n.p), explicita sobre os conceitos se adequa tanto à concepção de linguagem como de verdade:

O modo como os conceitos filosóficos surgem, a relação estabelecida entre eles, determina o que enunciam. Quando um conceito aparece, é porque de alguma forma ele estava sendo necessário: o conceito não traça a sua própria trajetória, mas a trajetória, previamente determinada, é que exige este ou aquele conceito. É a relação de parentesco linguístico entre os conceitos que impõe o sistema do qual todas as filosofias, necessariamente fazem. Onde há este parentesco linguístico, filosofar acaba sendo não somente aceitar, mas reproduzir este sistema. Isto que Nietzsche chama de ‘filosofar em órbita’ manifesta a redução do pensamento às regras lógico-gramaticais.

Parentesco, identificação, necessidade, são elementos atrelados às invenções da linguagem tratadas nesse estudo. Quando o pensamento se desvia dessa dinâmica formuladora de conceitos é possível que as convicções sejam pensadas de

compreendido como um modo próprio de declínio das coisas e dos instintos vitais, no interior da história dos valores morais. [...] ao criticar a verdade como valor absoluto ele propõe um novo modo para avaliar o valor dos valores, a partir da intensificação de potência. No mundo único das vontades de potência, a tarefa do filósofo está em fomentar os valores afirmativos da potência de vida”.

¹⁸ “O vir-a-ser, bem entendido enquanto *mudança*, ignora qualquer resquício de permanência, o que também expõe o seu caráter subtraído de *logos*. ” (MARTON, 2016, p. 416).

acordo com a própria realidade, o que anula a ideia de universalidade. A transvaloração, na medida em que subverte o que está calcificado pelo conceito, opera no sentido de avaliar os valores, que são verdades estabelecidas na cultura ocidental e expressas na linguagem. Questionar esses valores do ponto de vista da vida deve considerar aspectos relacionados, por exemplo à cultura, ciência, política e arte. Verdade e valor possuem aqui o mesmo sentido de universalidade.

Nietzsche retira a verdade do campo da universalidade. Para ele os valores são exemplos de convenções consolidadas, “[...] não são eternos, imutáveis, inquestionáveis. Nietzsche rejeita o pretenso caráter em si dos valores, o postulado metafísico da identidade entre valor e realidade; os valores são históricos, sociais, produzidos.” (MACHADO, 2021, p. 120). A história do conhecimento e da verdade na filosofia não teria avançado metodologicamente, ao nível da inversão de perspectiva nietzschiana, sem que Nietzsche houvesse fornecido a essa questão uma compreensão que desestrutura os fundamentos da filosofia, no sentido de torná-la afirmativa para a vida. Uma das formas de colocar essa questão na sua filosofia é a partir da análise da linguagem, na medida em que ela é o componente que viabiliza a coexistência social.

A linguagem para Nietzsche é o fundamento da verdade. Em *VM*, o autor expõe as condições de seu surgimento: primeiro a linguagem se configura como resultado da necessidade de comunicação. Daí decorre a consolidação das convenções. O que há em comum a esses dois momentos, em certo sentido concomitantes, é a comunicação, por viabilizar a identificação, que se constitui, a partir daquilo que é convencionalizado para atender às necessidades dos indivíduos.

Há um sistema metafórico, construído na linguagem, amparado pela identificação e inerente à comunicação. Segundo Mosé (2018, n.p), “É o estabelecimento desse código canônico [as convenções da linguagem] que termina por mascarar a atividade metafórica, através da imposição da identidade da palavra que, como conceito, se compõe como metáforas mortas”. Em *VM*, essa força metafórica surge como uma imposição da linguagem. Para Nietzsche, tudo o que temos são metáforas, conseqüentemente, a comunicação e o acordo não se referem às coisas, mas a interpretação humana delas. Conforme o autor, esse vínculo necessário da linguagem com a comunicação, mediados pelo acordo de paz, denota uma precariedade nas condições da existência humana.

Esse enquadramento conceitual, inerente a precarização e indigência do homem no mundo, desfavorece a relação entre “linguagem e excesso, exuberância, vigor, superação de si, vontade afirmativa de potência. Neste caso a necessidade de comunicação aparece como uma força que busca submeter a exuberância da atividade interpretativa da vida. ” (MOSÉ, 2018, n.p). Nos escritos posteriores à *VM*, a perspectiva nietzschiana afirma o caráter da necessidade na constituição da linguagem, não como diretamente ligado ao seu surgimento na esfera das ações, mas sim como uma força dotada de capacidade de comunicação da necessidade, “em decorrência da situação de indigência e fraqueza, a qual se encontra a espécie humana. ” (MOSÉ, 2018, n.p).

A linguagem, na esfera das ações, nivela e reduz a multiplicidade em unidade e permite uma coexistência pacífica, por meio da qual a compreensão entre todos se torna rasa e viável, pois a função primordial da linguagem não é aprofundar mas tornar acessível. A comunicação amparada pelas convenções da linguagem é necessária à manutenção da espécie humana.

O acordo de paz é uma necessidade que faz o homem não se sentir indigente na própria existência, isso porque para o filósofo, “[...] onde a necessidade, a indigência, coagiram longamente os homens a se comunicarem, a se entenderem mutuamente com rapidez e finura, acaba por haver um excedente dessa força e arte da comunicação [...]”. (NIETZSCHE, 1978, p. 216). Compreende-se que o excedente está vinculado a ideia de possuir a verdade das coisas. A consciência, que passa a existir com a linguagem, é moldada a partir dessa força comunicativa da linguagem, como uma estrutura de organização dos signos. Logo, não se trata de uma consciência intrínseca que nasce com o sujeito, mas sim uma consciência gerada e voltada para o âmbito prático.

A consciência seleciona o conteúdo da linguagem e organiza os signos, as palavras e conceitos formulados na gregriedade. Ela é um mecanismo de aperfeiçoamento desses signos. Nesse sentido, a consciência faz uso da memória para realizar essa organização. Esse conjunto de informações favorece a manutenção da sobrevivência da espécie. “É a necessidade que produz o aparelho de signos da consciência. ” (MOSÉ, 2018, n.p). Para Nietzsche, essa parte consciente está condicionada a reduzir e tornar superficial essa pequena parte do pensamento.

Os conceitos, signos de comunicação, podem ser traduzidos por conhecimento, uma vez que, são eles que traduzem desconhecido em conhecido. De acordo com Kossovitch (1979, p. 54), “É nesse universo que a linguagem se impõe: é ela quem faz circular o apelo das forças enfraquecidas. A associação da linguagem à consciência é obrigatória, já que esta não pode definir um comportamento singular, gregária que é por essência”. Nesse sentido, ocorre um movimento psicológico, no qual a consciência exprime seu conteúdo em forma de signos de comunicação. Isso quer dizer que a consciência humana é, por assim dizer, conformada dentro desses esquemas para atender às necessidades da coexistência em rebanho. Em decorrência desse processo é possível afirmar que:

“O processo de inversão de valores de que Nietzsche tanto fala, [...] se sustenta possivelmente nessa inversão primeira onde o jogo complexo de forças vai ser substituído pela esquematização das palavras. [...] conhecer, ou tornar consciente, é reduzir um processo corporal a sinais, é simplificar a complexidade múltipla do que acontece.” (MOSE, 2018, n.p).

Nesse sentido, esquematizar os signos subverte a perspectiva da força de afirmação da vida, enquanto dá origem ao conhecimento que obedece às leis da linguagem. Em contrapartida a inversão nietzschiana vai de encontro à essa organização, por entender que esse movimento caminha no sentido de uma negação da vida.

Fazer uma crítica à linguagem, na ótica nietzschiana, é apontar o filósofo como aquele que impõe um modo de pensar como verdadeiro em si mesmo, mas antes de tudo é denunciar as condições de criação da verdade. Dito de outro modo, a verdade é a própria mentira, na medida em que tudo o que o intelecto produz é uma invenção, e não uma criação essencial. Não há verdade absoluta a ser seguida na esfera das relações humanas.

De acordo com Nietzsche, o desenvolvimento da consciência¹⁹, bem como da linguagem, ocorrem concomitantemente com a necessidade humana de existir em

¹⁹ Em Sobre verdade e mentira no sentido extramoral, Nietzsche se refere à consciência como intelecto. Nesta pesquisa ambos os termos serão utilizados, por possuírem aqui, o mesmo sentido. De acordo com Marton (2016, p. 154-155), “No embate com o meio, os seres vivos, homens e animais, munem-se de órgãos que lhes facilitam a sobrevivência; e a *consciência* seria apenas um deles. Ela surgiria da relação do organismo com o mundo exterior, relação que implica ações e reações de parte a parte. No bojo dessa dinâmica, apareceria como “um meio de comunicabilidade”, “um órgão de direção”.

rebanho, de modo que a consciência do homem não é uma singularidade para cada indivíduo, haja vista que sua constituição é voltada para a comunicação que viabiliza a vida em comum. Significa dizer que aquilo que o homem pensa sobre si mesmo e sobre o mundo, já se encontra atravessado pela linguagem, e, conseqüentemente, pela experiência.

A consciência não é o aparato por meio do qual o indivíduo pode buscar conhecer a si mesmo, como uma estrutura independente da própria experiência. A função da consciência, para Nietzsche, é atender àquilo que é pertinente ao comum, por meio da identificação entre os indivíduos de determinado grupo, mediada pelas convenções, próprias da linguagem. Esse processo de identificar-se é compreendido por Kossovitch (1979), como uma degradação da diferença; uma pulsão tornada reflexiva. A consciência, portanto, é a universal dependência entre os homens. Ser superficial é da ordem da consciência. Desse modo, ao se referir ao intelecto, Nietzsche aponta para o seu caráter dissimulador.

Como estratégia de conservação “[...] o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação; pois esta constitui o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos vigorosos, conservam-se, como aqueles aos quais é denegado empreender uma luta pela existência com chifres e presas afiadas.” (NIETZSCHE, 2008, p. 27). É possível constatar nesse fragmento, que a ideia de verdade não possui essencialidade, haja vista o anseio do homem de sobreviver no mundo, isto quer dizer que essa ideia é uma invenção da linguagem.

No entender do filósofo alemão a ideia de conhecimento verdadeiro, linguagem e comunicação, ocorre a partir de mecanismos fisiológicos que possibilitam ao homem formular as convenções da linguagem. Diante disso cumpre questionar: “[...] as designações e as coisas se recobrem?” (NIETZSCHE, 2008, p. 30). Todo conteúdo formulado na linguagem remete às necessidades sociais. Aquilo que a linguagem comunica é uma criação do intelecto, não uma verdade absoluta, como sobretudo os filósofos pretendem.

A esse respeito, Marton (2016, p. 155), afirma o seguinte: “[...] Nietzsche julga que os filósofos teriam tendência a considerar o homem um ser diferente de todos os outros seres e a encarar a vida consciente como um conjunto de atividades que se distinguem dos processos da natureza”. Sendo assim o homem busca incessantemente o conhecimento verdadeiro das coisas, à medida em que se

distancia das próprias vivências visando uma realidade abstrata, em detrimento da vida e da existência pulsante. Entretanto, o homem ao criar as convenções uniformemente válidas, para existir socialmente e em rebanho, está agindo de acordo com a sua natureza inventiva para, assim como tudo o que é vivo, sobreviver na natureza. Esse movimento desautoriza a supremacia da razão como fonte de conhecimento verdadeiro das coisas.

Verdade: uma arte propriamente humana

1. Verdade e mentira no sentido extramoral

A exaltação da razão, no que diz respeito ao conhecimento²⁰ científico na modernidade, bem como, as concepções filosóficas tradicionais assentadas são algumas das questões que provocam Nietzsche a pensar em como se constitui a ideia de verdade no pensamento ocidental. Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, ele realiza uma crítica à ideia de verdade, ao mesmo tempo em que analisa a influência do pensamento, enraizado na tradição filosófica, na construção do conceito de verdade como fixidez imutável.

Nietzsche, ao se referir a tradição filosófica, ataca o platonismo como influência negativa à vida. Para ele, se trata de um elemento fundamental para a contaminação da filosofia, pois, por meio da ideia de um mundo dividido em mundo real e mundo aparente o homem, sedento de conhecimento puro, nega a experiência como realidade, o que Nietzsche considera danoso à vida. No que diz respeito a essa busca, o homem tende à passividade diante desse tipo de conhecimento. Isto é, ele (o homem) considera-o como verdadeiro em si.

A filosofia, na concepção de Nietzsche, se constitui a partir de perspectivas. Ou seja: “O filósofo é uma maneira de se manifestar que o ateliê da natureza tem- o filósofo e o artista falam dos segredos de profissão da natureza. Acima do tumulto da história contemporânea, a esfera do filósofo e do artista prospera ao abrigo da necessidade.” (NIETZSCHE, 2007, p. 15). Nietzsche vai de encontro à ideia de buscar “abrigo na necessidade” conceitual, movimento que permeia a história da filosofia até a contemporaneidade. Ele contraria o ideal platônico e inverte a perspectiva da tradição, desautorizando a linguagem, como aquela que produz conhecimento universal e necessário, pois, para ele, verdadeiro é o devir inerente à vida. Ou seja, a

²⁰ “Nietzsche, por sua vez, vê no cego e ilimitado impulso do conhecimento um perigo para a cultura e, no limite, para a vida, que repousa em ilusões [...]. Do “conhecimento” não resulta, portanto, nenhuma verdade entendida como adequação à realidade [...]. Impossível em um mundo que vem a ser, o assim chamado conhecimento pressupõe, como sua condição necessária, um mundo fictício, criado e arranjado de modo a nos parecer como “cognoscível”. Assim, o conhecimento repousa na crença em identidade, permanência, igualdade e muitas outras noções por nós inventadas, as quais, como esquemas reguladores, forjam um mundo calculável e formulável para nós. Da aplicação dessas ficções decorrem apenas simplificações e falsificações: se são muitas vezes consideradas verdades absolutas, é porque possibilitam a conservação de uma determinada espécie de vida. Eis, contudo, o maior erro: tomar aquele mundo de ilusões como o mundo verdadeiro e atribuir-lhe valor supremo.” (MARTON, 2016, p. 152-153).

própria vida é a condição de avaliação do conhecimento e, portanto, desse ideal petrificado de verdade, sedimentado no esquecimento. Para Nietzsche:

É o esquecimento, a inconsciência, a ilusão, a dissimulação como necessidade que se encontram no jogo de forças que deu nascimento à palavra. É neste sentido que a função da palavra é esquecer, esconder a pluralidade que lhe deu origem. Ao contrário de dizer, sua função é mascarar, ocultar, esconder. O que a identidade imposta por cada palavra mascara, é a impossibilidade de fixação e sentido, de ser, de verdade. Utilizar os códigos da linguagem é, de alguma forma, negar o mundo, como tempo, como devir. (MOSE, 2018, n.p).

O homem, na busca pelo conhecimento verdadeiro das coisas, nega a vida e tudo o que é propriamente humano, por exemplo, os próprios instintos²¹, para se adequar à sua concepção de verdade que “desconsidera” a autoria dele próprio como criador dessa ideia. O homem constrói essa rede conceitual que permeia a coexistência pacífica entre todos. A crença nas elocubrações conceituais em forma de palavras, valores morais, conceitos e tudo o que está convencionado na linguagem, são produtos do esquecimento, inerente ao homem, no processo de construção e aprimoramento da linguagem, concomitante à sua evolução como ser social que necessita comunicar-se.

A comunicação, como uma invenção do homem, é considerada arte. Ela surge a partir da necessidade de viver em sociedade. Por isso, a comunicação tem relação com o potencial criativo do intelecto humano. Nesse sentido, o que Nietzsche afirma a respeito da consciência, constituída a partir das necessidades de convívio, considera essa potencialidade para inventar e volatilizar os conceitos fazendo uso dessas metáforas. O autor trata especificamente dessa questão posteriormente em *A gaia ciência*. Em termos nietzschianos, a consciência se desenvolve para atender às necessidades da vida, como é possível constatar no fragmento seguinte:

²¹ “O uso do termo instinto é mais frequente nos textos nietzschianos a partir de *Para além de bem e mal*, mas ele sempre assumiu o papel de antagonista em relação à razão ou à racionalidade, e, por vezes, representou o inconsciente em oposição à consciência ou ainda o corpo em oposição à alma ou ao livre-arbítrio [...]. A expressão instinto pode ser sintoma de um organismo (arranjo de impulsos) saudável (potente e hierarquizado) ou doente (impotente e decadente). Sócrates por exemplo, necessitou da metafísica, isto é, de conceitos abstratos, absolutos e imutáveis como medicamento para a sua anarquia dos instintos. O instinto ou impulso à verdade absoluta é mórbido. A própria consciência tem sua origem nos processos instintuais, e acreditar na sua superioridade indica decadência e domesticação (*Zähmung*) dos instintos [...]. Aquilo que é ruim (*schlecht*) depende da degeneração ou da domesticação dos instintos.” (MARTON, 2016, p. 271-273).

[...] consciência em geral só se desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicação – que previamente só entre homem e homem (entre mandante e obediente em particular) ela era necessária, era útil, e também que somente em proporção ao grau dessa utilidade ela se desenvolveu. Consciência é propriamente apenas uma rede de ligação entre homem e homem- apenas como tal ela teve de se desenvolver: o homem ermitão e animal de rapina não teria precisado dela. (NIETZSCHE, 1978, p. 216-217).

Tomar consciência de si, em termos nietzschianos, não se relaciona com alguma questão que esteja para além do campo da experiência. O homem adquire essa consciência como animal de natureza comunitária, ou seja, a consciência se constitui como forma de satisfazer as necessidades da experiência comum.

Nas palavras de Nietzsche (1978, p. 217), “[...] cada um de nós, com a melhor vontade de entender a si mesmo tão individualmente, quanto possível, de “conhecer a si mesmo”, sempre trará à consciência, precisamente, apenas o não individual em si [...]”. Na perspectiva do autor, o referencial norteador da vida decorre de uma junção de signos e interpretações, expressas na linguagem. Logo, o conteúdo da consciência se configura para a coletividade, tendo em vista o superficial, no que se refere a não possuir um valor em si mesmo. A respeito da função da consciência Marton (2016, p. 154-155), expõe que:

No embate com o meio, os seres vivos, homens e animais, munem-se de órgãos que lhes facilitam a sobrevivência; e a consciência seria apenas um deles. Ela surgiria da relação do organismo com o mundo exterior, relação que implica ações e reações de parte a parte. No bojo dessa dinâmica, apareceria como “um meio de comunicabilidade”, “um órgão de direção”. Nietzsche entende que, do mesmo modo que uma função pouco desenvolvida constitui um perigo para o organismo, a consciência, por ser recente a sua aparição, pode induzir a erros. Tudo se passa como se o órgão com que o ser humano se mune para direcionar-se no mundo exterior fosse impróprio, como se o meio de que o indivíduo dispõe para relacionar-se com o que está à sua volta se revelasse inadequado. Mas o filósofo não está a reclamar de um defeito congênito; apenas procura salientar o que considera um traço característico da consciência. Se aponta para o seu caráter falsificador, é para advertir que aquilo que passa por ela acaba falsificado.

Em *VM*, a consciência se adequa ao campo das ações humanas. Ou seja, as noções expressas na linguagem são fabricadas com o objetivo de organizar um determinado meio social. Pode-se afirmar, nesse sentido, que consciência e intelecto

possuem o mesmo mecanismo de conservação, a saber, as designações válidas. Esses valores, isso sim, são intrínsecos às necessidades existenciais, por isso, requerem avaliação constante, o que difere da petrificação conceitual cultivada na tradição.

Essa dinâmica de instituir valores e negar a vida, enraizada em Platão, Nietzsche a considera dogmática e decadente por perseguir um ideal de verdade que não satisfaz a realidade do ponto de vista da vida. Em *Crepúsculo dos ídolos* Nietzsche (1976, p. 17-18), expõe sua suspeita contra a tradição na seguinte passagem: “Essa irreverência de considerar os grandes sábios como *tipos de decadência* nasce em mim precisamente num caso em que o preconceito letrado e iletrado se opõe com maior força: reconheci em Sócrates e em Platão sintomas de decadência, instrumentos da decomposição grega, pseudo-gregos, anti-grego”.

Destarte, os pré-socráticos viviam mais livremente, se for considerado que não se ocuparam dessas “teorias verdadeiras”. Esse é o modelo de configuração social defendido por Nietzsche, por não permitir ao ser humano se acomodar sobre o que já está estabelecido, mas questionar a vida com base nela própria. O autor frequentemente recorre à história do pensamento, sobretudo na filosofia, com o intento de compreender como se dá esse processo que torna o homem inventor de sua realidade.

Os conceitos se originam para suprir as necessidades sociais diante do estado de indigência do homem perante sua própria existência. Linguagem e intelecto são os elementos comuns entre todos, nesse sentido, os indivíduos se comunicam por meio dos signos e das convenções da linguagem. Desde as palavras até os conceitos mais complexos, o homem utiliza o mecanismo da linguagem visando a conservação de si no ambiente social. Isso é evidenciado na busca pela identidade das coisas, no acordo de paz, no esquecimento e no contexto das ações humanas, possibilitando ao homem o agir no mundo por meio da identificação e da comunicação, a partir das etiquetas que ele imprime nas coisas. Um impulso dá origem a crença na invenção conceitual como algo superior e universal. Ele, o homem, é o artista inventor dessa construção humana.

Com base na constituição do indivíduo, enquanto ser que precisa viver em sociedade, seus escritos exprimem o que torna a filosofia possível: o artefato da linguagem, que outrora fora apenas um artefato básico, por assim dizer, de

conservação humana na natureza, assim como os chifres e presas são para os outros animais. Isso quer dizer que não há um sentido último nas formulações da linguagem, isto é, ela serve à existência humana. Ela é mediadora da relação entre o homem e seu agir no mundo.

Nietzsche suspeita da verdade. Por isso, sua filosofia se desvia de qualquer concepção encerrada a esse respeito. “Foi, portanto, a partir da linguagem gregária que o ser humano construiu o paradigma interpretativo de verdade. Somente na linguagem a identidade e a verdade são possíveis.” (MOSE, 2018, n.p). Por se tratar de um ideal cristalizado da tradição, o autor não quer repetir o mesmo movimento da filosofia, até então, no sentido de pensar em uma definição acerca da verdade. O autor evidencia, isso sim, que essa verdade inquestionável é composta por designações que estão a serviço da satisfação da vida em comum.

Ou seja, não é do interesse do autor fornecer um conceito de verdade, mas desestabilizar os fundamentos por meio dos quais essa ideia se sustenta, visto que o alcance dessa concepção é prejudicial ao homem que, no entender de Nietzsche, acomoda-se na existência munido das convenções da linguagem. Diante disso, Mosé (2018, n.p), expõe o seguinte: “O alvo da transvaloração é permitir que os valores recuperem sua mobilidade, a partir da desautorização de toda e qualquer crença na verdade como princípio originário, como fundamento, como ser. O que se busca restaurar é a capacidade criativa, e, portanto, móvel dos valores”. Em *VM*, Nietzsche afirma que a palavra é o elemento a partir do qual a crença na verdade se funda. Em outros termos, no alicerce da verdade não há um elemento substancial, na medida em que ela é fundada na linguagem.

A verdade é invenção da linguagem! Ela é o aparato humano de sobrevivência, porque permite que haja a comunicação entre os homens, que sentem a necessidade de viver em grupo. Em termos precisos “[...] o surgimento da linguagem não procede, pois, logicamente, sendo que o inteiro material no qual e com o qual o homem da verdade, o pesquisador, o filósofo, mais tarde trabalha e edifica, tem sua origem, se não em alguma nebulosa cucolândia, em todo caso não na essência das coisas.” (NIETZSCHE, 2008, p. 34). A linguagem se desenvolve para atender as indigências da experiência, contudo, o homem, criativo, acredita que é possível falar das coisas em si mesmas.

É pertinente notar que as questões centrais da filosofia de Nietzsche, por exemplo, os valores; a política; a religião; a ciência; a arte; não são compreendidas por ele de maneira independente umas das outras. As suas obras trazem essas mesmas questões, sob perspectivas diferentes. Por exemplo, o problema da linguagem é tratado também nas noções de apolíneo e dionisíaco, formuladas em *O nascimento da tragédia* em (1872), obra do período de juventude. Nesta obra, de modo geral, Nietzsche aborda o problema da linguagem como uma manifestação que traduz simbolicamente na esfera apolínea²² a música dionisíaca²³.

De acordo com Marton (2016), apolíneo e dionisíaco são noções desenvolvidas com base na *coisa-em-si* de Kant e na vontade e representação de Schopenhauer. O impulso apolíneo, ao mesmo tempo em que é um impulso metafísico, é uma manifestação natural do corpo. O homem necessita dessa junção do dionisíaco e apolíneo, pois, o que está no mundo metafísico é também constatado na fisiologia humana. Em decorrência disso, é possível afirmar que na linguagem são os estímulos nervosos e tudo o que se segue desse processo fisiológico, que possibilitam ao homem crer metafisicamente nos seus mecanismos fisiológicos, no momento de instituir uma verdade como algo em si.

Portanto, na compreensão nietzschiana, apolíneo e o dionisíaco são forças conflituosas da existência real. Apolíneo é o impulso metafísico que fundamenta essa

²² “Embora seja um conceito importante na filosofia de Nietzsche o apolíneo está quase circunscrito aos textos de juventude, aqueles datados até 1873. Em *O nascimento da tragédia*, o impulso apolíneo mantém uma relação indissociável com o dionisíaco. Nietzsche elabora na obra uma ciência estética em que o jogo desses dois impulsos, são expostos. O apolíneo é tanto um impulso metafísico quanto fisiológico, pois revela a forma como o mundo é ao mesmo tempo em que é uma manifestação natural. [...] na relação entre o dionisíaco e o apolíneo, o que se expressa no mundo metafísico também se mostra na fisiologia humana, pois a embriaguez é a forma como o homem se esquece de si, enquanto o sonho reproduz as belas formas. Embriaguez e sonho, por sua vez, manifestar-se-ão nas formas artísticas. Porque a essência do mundo é dor e contradição [...] por isso Nietzsche replica a versão do mito de Apolo, segundo a qual ele é uma divindade resplandecente [*der Scheinende*], o deus solar da luz que domina a bela aparência e a harmonia. [...] se o próprio ser busca sua redenção no mundo da aparência e esta, também se manifesta no homem por meio do sonho, as artes apolíneas são uma expressão desse processo.” (MARTON, 2016, p. 118-119).

²³ “Em *O Nascimento da tragédia*, ao apolíneo Nietzsche contrapõe o dionisíaco. Apolo o Deus da bela forma e da individuação, permite a Dionísio que se manifeste. Dionísio, o deus da embriaguez e do dilaceramento, possibilita a Apolo que se exprima. Um assegura ponderação e domínio de si; o outro envolve pelo excesso de vertigem. Conjugados na tragédia ática, esses princípios são manifestações de duas pulsões cósmicas; na análise da arte grega, ambos mostram-se imprescindíveis. [...] Nietzsche se diz um discípulo do filósofo Dionísio. Com isso, reivindica a necessidade de destruição, mudança, vir-a-ser; reclama o processo permanente de aniquilamento e criação. Seria errôneo conceber as duas vertentes de seu pensamento, a face corrosiva da crítica dos valores e a face construtiva da cosmologia, como compartimentos estanques. Seria impropriedade compreender a sua dupla necessidade, a de aniquilar e a de criar, como atitudes independentes. Destruir e construir constituem momentos de um mesmo desenrolar, movimentos de um mesmo processo.” (MARTON, 2016, p. 188-189).

necessidade humana de individuação, ao passo que, a manifestação dionisíaca é fisiológica, está no mundo, e se dá por meio da embriaguez que permite ao homem ser parte desse vir-a-ser constante. Numa perspectiva dionisíaca, o homem não é a medida de todas as coisas, e sim, o mundo. Essas duas vertentes da constituição do homem se complementam: o apolíneo exprime aquilo que o dionisíaco torna manifesto; permite a manifestação mundana do dionisíaco, e este, por seu turno, possibilita que esse lado metafísico, apolíneo, se expresse.

Do mesmo modo que apolíneo e dionisíaco são dois aspectos da realidade, o mundo sensível e o das ideias, em uma perspectiva nietzschiana, se complementam e, do mesmo modo, só se efetivam no real vivido, já que são visões de uma existência. A única possível. Em *VM*, Nietzsche aniquila a ideia de verdades imutáveis, ao passo que, em *O nascimento da tragédia* ele destrói, por meio da linguagem, a divisão de mundo quando torna, na sua perspectiva, o apolíneo e o dionisíaco indissociáveis.

Não há dúvidas que Nietzsche se insurge veementemente contra a tradição, por acreditar que seus princípios permitem ao homem viver em estado de passividade diante das coisas. Ele considera que ainda que a verdade seja um problema abordado por toda história da filosofia, ela encontra seu ápice em Platão que erige essa ideia como um valor ideal a ser alcançado. Nietzsche suspeita de tudo aquilo que coloca a experiência vivida de algum modo como insuficiente para a existência.

É na vida que o homem inventa a linguagem, uma criação artística propriamente humana. Para ele, a realidade está na vida, e, nesse sentido, colocar o mundo sensível, a única realidade verdadeira possível, como menos importante, é negar a vida e toda potência que há no viver e agir humano. Diante disso, o autor desenvolve sua perspectiva de verdade nos âmbitos das ações, da ciência e da arte.

2. Verdade, ciência e arte

Sobre verdade e mentira no sentido extramoral aparece pela primeira vez em seu escrito, intitulado *O livro do filósofo*, cujo título original se chama *Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral*, no qual, Nietzsche compreende na invenção da linguagem, uma relação entre verdade, ficção, conhecimento e arte. O posicionamento do autor vai de encontro ao idealismo filosófico e ao pensamento científico do período moderno. Verdade e mentira, bem e

mal e outras convenções socialmente aceitas, oriundas do pensamento moderno, são exemplos das principais questões colocadas por Nietzsche. Segundo Marton, (2016), Nietzsche compreende a ciência da tradição como uma busca em conhecer a verdade do objeto. Partindo desse pressuposto, ciência e moral são indissociáveis. O preconceito metafísico da ciência, que sustenta a possibilidade de conhecer o objeto em si, é semelhante ao da moral, que pretende que seus valores atendam à critérios de universalidade.

Há um “mundo verdadeiro” comum à ciência e à moral. Em contraposição à definição vigente de ciência, a concepção nietzschiana defende que não há verdades, mas, ficções necessárias à existência. A verdade é medida em função do quanto ela conserva a sociedade. Significa dizer que o homem ao se desviar de pensar na realidade apenas pelo viés conceitual, busca formas de inventar seu modo de existir. Nessa medida, a ciência proposta por Nietzsche trabalha com conceitos, e, concomitante a isso, considera o homem enquanto artista inventor da própria realidade, tendo em vista que articular maneiras de coexistir é considerado pelo autor uma criação artística.

É preciso ressaltar que, no entender de Nietzsche, em última instância está o homem e seu desejo de tornar sua existência confortável, no que diz respeito à uma adequação aos ideais acordados socialmente, os quais Nietzsche considera ultrapassados, decadentes, contrários e insuficientes à vida. Diante disso VM denuncia a verdade como um impulso inteiramente subjetivo, não no sentido moderno, mas, no que concerne ao mecanismo de ser um impulso fisiológico, que por “esquecimento e tédio”, se compreende como detentor de um conhecimento verdadeiro e necessário. Assim sendo, convém especificar como a palavra se constitui no intelecto a partir dos estímulos que estão no mundo:

O que é uma palavra? A reprodução de um estímulo nervoso em sons. Mas deduzir de um estímulo nervoso uma causa fora de nós já é o resultado de uma aplicação falsa e injustificada do princípio da razão. [...] as diferentes línguas mostram que, nas palavras, o que conta nunca é a verdade, jamais uma expressão adequada, pois do contrário não haveriam tantas línguas [...]. De antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! Segunda metáfora [...] acreditamos saber algo acerca das próprias coisas, quando falamos de árvores, cores, neves e flores, mas, com isso, nada possuímos senão metáforas das

coisas, que não correspondem, em absoluto às essencialidades originais. (NIETZSCHE, 2008, p. 30-33).

Segundo Barrenechea (2011), de Platão até os modernos²⁴ a subjetividade da tradição idealista consiste na desvalorização do corpo. Simultaneamente ocorre uma exaltação do eu, sujeito, consciência, razão. Ou seja, características interpretadas até a modernidade como naturais à constituição humana. No entanto, Nietzsche compreende a subjetividade sob seu aspecto fisiológico, como ocorre nos estímulos nervosos e nas forças vitais instintivas e afetivas, que são inerentes ao homem, e que sempre se constituem a partir das vivências em sociedade, não independente delas. Essas invenções do homem demonstram o seu potencial artístico, na medida em que a linguagem é produto de transposições entre esferas distintas.

No entender de Nietzsche, ao invés desse potencial fecundo de criar a própria realidade, por meio da linguagem, se sobrepor enquanto característica que favorece a vida, no que concerne a tornar o indivíduo forte e potente para enfrentar com todas as suas forças o existir no seu vir-a-ser contínuo, ocorre o inverso. O homem se acomoda na passividade do enquadramento conceitual, fabricado por ele mesmo, fundamentado pelas leis da linguagem.

Ao homem de rebanho, Nietzsche atribui a acomodação àquilo que já está fixado e perpetuado como ideal de existência. No que diz respeito a essa manifestação natural própria do homem, Mosé (2018, n. p), atenta para alguns aspectos da linguagem:

Chamando a atenção para o aspecto convencional e figurativo da linguagem, Nietzsche vai apontar para o caráter ficcional que toda crença na verdade encerra e esconde. Mais do que isso, Nietzsche vai atribuir toda manifestação, tanto orgânica quanto inorgânica, a esta atividade ficcional, estética, metafórica. A invenção, a criação, pensada algumas vezes como uma atividade interpretativa contínua, e não a verdade, é própria de tudo o que vive. A ideia de verdade somente manifesta a necessidade de entrar em acordo; foi esta necessidade que determinou a relação que o ser humano estabeleceu com a palavra.

²⁴ No que se refere à perspectiva do conhecimento na modernidade, o alvo de Nietzsche é Descartes, “por tentar fundar a verdade na subjetividade, tomando o *eu penso* como a primeira verdade [...]. A crença cartesiana está fundada numa precipitação, tomando o eu penso como evidente sem antes analisar os processos internos.” (MARTON, 2016, p. 410).

Manifestar organicamente essa criação diz respeito aos impulsos fisiológicos, que culminam na formação das metáforas intuitivas, que se cristalizam no esquecimento como verdades. Quando o homem sente a necessidade de atribuir os nomes às coisas ocorre uma manifestação não orgânica. Se trata da crença na verdade, na sua forma mais elaborada, expressa em conceito. O impulso à verdade e o esquecimento sustentam a crença na verdade como algo de valor universal.

3. Impulso, esquecimento e verdade

É possível afirmar que o impulso²⁵ à verdade é um sentimento fundado no esquecimento de que o homem é ele mesmo o criador dessas transposições metafóricas, realizadas pelo intelecto após estabelecido o acordo de paz. O estímulo nervoso, que se converte em imagem e em seguida em som, de acordo com Nietzsche, é gerado inúmeras vezes de modo que o homem, com o passar dos tempos, acredita que as designações e as coisas coincidem essencialmente. Este impulso tem sua origem justamente no sentimento moral, originado no esquecimento, derivado da fixação dos conceitos. Em termos nietzschianos:

Somente pelo esquecimento desse mundo metafórico primitivo, apenas pelo enrijecimento e petrificação de uma massa imagética que, qual um líquido fervente, desaguava originalmente, em torrentes a partir da capacidade primitiva da fantasia humana, tão-somente pela crença imbatível de que este sol, esta janela, esta mesa são uma verdade em si, em suma, apenas porque o homem se esquece enquanto sujeito e, com efeito, enquanto sujeito *artisticamente criador*, ele vive certa tranquilidade, com alguma segurança [...]. (NIETZSCHE, 2008, p. 40-41).

O impulso à verdade expressa o esquecimento, componente imprescindível para a instituição da verdade como valor. Essa tendência ao que é fixo corresponde

²⁵ "Nietzsche nunca apresentou uma exposição sistemática do conceito de impulso (*Trieb*). O que podemos extrair de sua obra é a preocupação em constituir uma teoria dos impulsos de caráter fisiopsicológico, como parte da doutrina mais ampla da vontade de potência, a partir da qual ele procura entender a relação entre o inorgânico e o orgânico. Para Nietzsche os impulsos humanos são uma ramificação orgânica da vontade de potência, que teria também seus correlatos psicológicos. [...] o impulso, assim, é tanto um fenômeno fisiológico quanto psicológico. O corpo nada mais é do que esse complexo de impulsos em combate constante entre si, o que pode significar uma constituição bem arranjada ou uma desagregação. Mas o psicológico também é produto desses impulsos, que se apresentam na forma de sentimentos e afetos. A própria vontade, tal como Nietzsche a entende, é justamente um complexo de sentimentos, pensamentos e afetos." (MARTON, 2016, p. 270-271).

ao esquecimento, compreendido tanto do ponto de vista da verdade como um composto de metáforas, quanto do homem como autor delas. Isto é, o homem esquece duplamente que as palavras não possuem um sentido, pois, o sentido dado por ele mesmo é um resquício de uma metáfora intuitiva.

A crença de possuir a verdade está ligada ao ato de designar as coisas, mas, ao tornar esses meios de acessar o mundo algo convencionado, por meio da linguagem, ele esquece-se de que é no intelecto que o componente conceitual se insurge. Desse modo, a verdade se estabelece socialmente despertando essa emoção moral no homem, de acreditar que conhece as coisas em si mesmas, conforme será explicitado na passagem a seguir:

A linguagem não quer instruir mas transmitir ao outro uma linguagem subjetiva e uma apreensão. O homem que configura a linguagem não percebe coisas ou eventos, mas impulsos: ele não transmite sensações, mas apenas cópias de sensações. A sensação provocada por uma excitação nervosa não capta as coisas em si: essa sensação é externamente representada por uma imagem. Mas é preciso perguntar-se, entretanto, como um ato da alma pode ser representado por uma imagem sonora? [...]. Não são as coisas que penetram na consciência, mas a forma como estamos diante delas [...]. A essência total das coisas nunca é compreendida. (NIETZSCHE, 2000, p. 91, tradução nossa).

A linguagem é o componente fundamental de origem das denominações uniformes. Mas, é no esquecimento, que a crença nas suas ficções é calcificada pelos conceitos. Significa dizer que esse conteúdo do intelecto é assumido como verdadeiro, por meio da perpetuação das convenções correspondentes à superficialidade das coisas as quais ela designa: “Quando alguém esconde algo detrás de um arbusto, volta a procurá-lo justamente lá onde escondeu e além de tudo o encontra, não há muito do que se vangloriar nesse procurar e encontrar: é assim que se dá com o procurar e encontrar da “verdade” no interior do domínio da razão.” (NIETZSCHE, 2008, p. 39).

Essa tendência a buscar o conhecimento das coisas como algo fixo, que não recorre à mobilidade inerente a vida, é parte constitutiva do impulso à verdade. “Neste sentido, melhor do que caracterizá-la como uma filosofia dos valores, a perspectiva nietzschiana deve ser definida como uma filosofia da avaliação, da valoração, que afirma que só há valor graças à avaliação.” (NIETZSCHE, 1979, P. 45 apud

MACHADO, 2021, p. 120). Formular os enquadramentos sociais é propriamente humano. Sendo assim:

Acendendo ao impulso à verdade, o intelecto se fixa sobre o dado e se esquece de que o fixo nada mais é do que a criação metafórica tornada convencional pela sociedade, o intelecto crê que o dado preexiste à ação humana e, ao toma-lo como valor de verdade, participa da emoção de fazer parte do grupo, participa da emoção de se fazer entender na mesma linguagem e de preservar o todo social que institui o valor de verdade da gramática. (ISHIKAWA, 2015, p. 33).

Nietzsche não diz por meio de uma exposição sistemática o que é a verdade, mas explicita a partir de quais necessidades propriamente humanas ela se constitui por meio da linguagem. Para Nietzsche (2008, p. 36-37), o arcabouço da verdade na linguagem é descrito como:

Um exército móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que, após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que elas assim o são, metáforas que se tornaram desgastadas e sem força sensível, moedas que perderam seu troquel e agora são levadas em conta apenas como metal, e não mais como moedas [...] portanto, dito moralmente: da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório.

A filosofia de Nietzsche não está pautada em seguir o fluxo da tradição, que busca adequar inquietações propriamente filosóficas às definições conceituais encerradas. O autor alemão situa-se para além dessa dinâmica dicotômica, com o intento de redimensionar a realidade para o campo das ações, desviando-se assim da perspectiva de uma realidade limitante, na medida em que questiona o porquê da necessidade de instituir a verdade como referência de bem viver.

Assim, “Ao afirmar que a verdade é um valor, Nietzsche busca dessacralizar esse princípio de avaliação, quando desvela sua condição de invenção humana: a verdade é uma ideia, uma construção do pensamento, ela tem história.” (MOSE, 2018, n.p). O homem ao fazer uso da verdade como um conceito aplicável está adequando-se aos ideais da gregariedade. A linguagem é antropomórfica, uma

invenção do homem, em um nível tal que inconscientemente, a partir da petrificação dessas noções, o homem acredita na sua veracidade, ao ponto de ele cultivar a crença de que se trata de uma instância independente dele. De acordo com Wotling (2011, p. 57):

[...] a verdade é redefinida como erro- consequência inelutável do primado da interpretação. Pois, no seio dessas interpretações, convém ainda estabelecer distinções: a verdade é repensada como a posição relativa de certos erros que se tornaram condições de existência. Logo, o verdadeiro é de certo modo o falso que se tornou condição de vida, ilusão interpretativa cujo estatuto foi esquecido.

O homem, nesse sentido, exerce a sua criatividade. E desde as metáforas intuitivas até a criação das rubricas para as coisas é o potencial criativo do homem, mediado pelo esquecimento, o componente metodológico importante para a compreensão da problemática de *VM*, que se sobressai. Nesse sentido:

Foi graças à sua capacidade de esquecer que o ser humano conseguiu produzir este sistema de simplificação, esta crença na identidade. Sem esquecer a pluralidade sensível que gerou a palavra, o homem não teria chegado a concluir que a identidade forjada pelas palavras pudesse corresponder efetivamente às coisas. (MOSE, 2018, n.p).

Ao imaginar-se detentor da verdade, o homem constrói o seu edifício conceitual, isso porque, com esse movimento, ele está de algum modo conservando sua existência social. E ainda que haja esquecimento de que esses meios são de sua autoria, ele consegue agir no mundo efetivo utilizando-se dessas metáforas.

4. Metáfora e criação artística na linguagem

No processo de formação das metáforas intuitivas, durante a transposição de um estímulo nervoso em imagem, que, por sua vez, se transpõe em som, o componente da memória reforça a crença na identidade, para que isso corresponda a realidade no sentido de uma possível adequação entre as palavras e as coisas. Nesse processo, constituído arbitrariamente por meio das transposições, a memória viabiliza a produção de sentido para as coisas. Nesse caso: “A memória não guarda

passivamente os dados; ao distinguir, ao reforçar, ela interfere. ” (MOSE, 2018, n.p). O que a memória guarda não chega a ela na sua integralidade. A memória discerne, isto é, aquilo que não é do seu interesse ela esquece. Nietzsche desenvolve sua perspectiva a respeito da metáfora em *VM*, a partir da compreensão aristotélica de metáfora, o que em linhas gerais significa dizer, que metáfora é uma transposição entre duas palavras, nas quais, o sentido de uma é atribuído a outra por uma semelhança entre as duas. De acordo com Marton (2016, p. 305):

Nietzsche apropria-se da definição clássica de Aristóteles de metáfora como transposição e amplia seu sentido e alcance. [...] Nietzsche define-a no âmbito do legado aristotélico, ou seja, ela é a figura em que não há criação de nomes, mas mudança do significado dos já existentes. Todavia, a concepção mais importante é aquela que não se restringe à linguagem, tal como ocorre na filosofia aristotélica. Nesse sentido, metáfora é uma transposição que se dá na própria fisiologia humana, sendo sua manifestação na linguagem uma expressão dessa transposição que se inscreve na própria condição fisiológica. Há, assim, um processo de transposições.

Nietzsche fornece a compreensão de metáfora²⁶ como intrínseca à linguagem. Ou seja, o homem não conhece as coisas de outro modo senão, por meio do uso das designações. As metáforas identificam coisas distintas por suas semelhanças. Assim, o plano de fundo da linguagem são as metáforas. No entanto, Nietzsche não coloca a linguagem sob o domínio da poética e da retórica como fez Aristóteles. Ao contrário do filósofo grego, que concebe a metáfora sob os aspectos da poética e da retórica, o filósofo alemão coloca a metáfora como fundamento da linguagem.

Segundo Mosé (2018), a interpretação nietzschiana de metáfora possibilita a visão humana inventiva de mundo. A linguagem, por se tratar de uma produção do homem, possui conotação poética em relação ao ato de criar. Por outro lado, não possui aspectos poéticos ou retóricos, já que a linguagem para o homem ocupa-se da verdade e suas convenções consolidadas a respeito das coisas. A noção moderna de verdade, fundada no esquecimento, a qual, Nietzsche rejeita, está atrelada à de

²⁶ Em *A metáfora viva* Ricoeur afirma que a metáfora em Aristóteles pertence aos domínios da retórica e da poética. Os aspectos da retórica na metáfora concernem à eloquência, persuasão, clareza e conveniência, ao passo que a função poética na metáfora tem como objetivo submeter a realidade como cópia. Isto é, há uma dupla tensão nesse aspecto poético da metáfora, tendo em vista que a função da poesia é deslocar no sentido de uma elevação, na medida em que pode representar os homens de maneira superior aos da realidade. (MOSE, 2018 apud RICOEUR, 1983).

conhecimento científico moderno. Nesse sentido, o movimento de desconsiderar a atividade poética na linguagem é o que move o homem a perseguir um conhecimento verdadeiro.

Para Nietzsche a linguagem só diz aquilo que o corpo quer expressar, a partir de estímulos fisiológicos e nessa medida: “não seria possível haver uma adequação entre um estímulo nervoso, que está na ascendência da palavra, e a coisa que esta nomeia.” (MARTON, 2016, p. 305). Ao criticar a verdade, em *VM*, o filósofo recorre a metáfora como forma de desautorizar e impossibilitar que a verdade possua algum valor em si. O homem se apropria da ilusão de conhecer a essência da verdade. Contudo, não há muito o que se conhecer, pois, o intelecto produz as ilusões, tão necessárias à existência quanto o esquecimento, indispensável sustentáculo metodológico dessa perspectiva.

Diante disso é possível afirmar que a condição de existência do intelecto é artística. Ou seja, é no intelecto que essas invenções necessárias à coexistência entre os indivíduos se fundam; ele é o artifício próprio às criações necessárias à manutenção do rebanho. Conforme Mosé (2018, n.p), “esta arte, no entanto, a que Nietzsche se refere insistentemente, naquela época, não é a arte dos artistas, a arte como instituição e como obra, mas uma atividade propriamente criadora [...]”. Esta atividade inconsciente e instintiva impõe um caráter interpretativo às coisas. O conceito, portanto, é uma invenção metafórica, conforme a citação a seguir:

A síntese presente na palavra como conceito, a simplificação que implica escolher, ressaltar, cortar, é já uma transposição de uma simplificação anterior [...] o fundo das coisas não é senão metáfora, transposição; em outras palavras, não há um fundo para as coisas, senão perspectivas, interpretações, metáforas. Um processo contínuo e sem fim é o que Nietzsche afirma presente em tudo que vive. (MOSE, 2018, n.p).

Nietzsche pensa a atividade artística²⁷ como inerente ao homem, que arquiteta a verdade para ampara-se socialmente. Após instaurada, a verdade é esquecida como invenção. Por meio das designações impositivas, o homem se estabelece na

²⁷ No que se refere a atividade de criar a própria realidade, Wotling (2011, p. 20) afirma o seguinte: “A arte é também interpretação, o que implica reconfiguração, deformação, seleção da realidade [...] enquanto atividade interpretativa que se reconhece como tal (ao contrário do conhecimento e da moral, por exemplo), a arte se torna um modelo para pensar o conjunto das atividades humanas e, em particular, a atividade filosófica [...] como toda interpretação, a arte se caracteriza por uma tonalidade afetiva particular[...]”.

vida em comum, ao passo em que, usufrui das consequências agradáveis provenientes do acordo de paz. Ao afirmar que o homem não possui a verdade em si, mas apenas uma crença de que a detém, o filósofo retira a verdade do âmbito da racionalidade pura, questionando sua origem; compreendendo-a do ponto de vista de uma criação artística e necessária entre os homens.

Consequentemente, uma criação humana que, por esquecimento, passa a ser referencial de um bem viver em grupo. Sendo uma criação, ela é uma ficção, por conseguinte, a verdade é uma mentira acordada e estabelecida socialmente; uma convenção. “É sempre tendo em vista a utilidade que alguma afirmação é elevada à categoria de verdade.” (MOSÉ, 2018, n.p). No entender de Nietzsche, não interessa ao homem uma verdade em si mesma.

A crítica de Nietzsche à verdade oferece uma perspectiva existencial a essa questão, no sentido de que o autor evita que este escrito caia no enquadramento de uma teoria do conhecimento, redimensionando sua perspectiva para a esfera social, na qual o homem é alguém que fabrica a sua realidade, a partir da ilusão de possuir um conhecimento em si das coisas. Este posicionamento se estende ao conhecimento científico, o qual, não deseja obter conhecimento por ele mesmo, mas controlar e esquematizar aquilo que pretende conhecer para facilitar seu agir sobre as coisas.

A linguagem sobrepõe uma perspectiva metafísica ao mundo, o que possibilita ao homem acreditar na verdade como identidade e adequação. Diante disso, ele mascara seu potencial inventivo, uma vez que “precisou rejeitar sua capacidade estética para poder acreditar na “verdade” de suas invenções; precisou acreditar que conhecia, que sabia, e para isso precisou esquecer que criava.” (MOSÉ, 2018, n.p).

A verdade, como invenção da linguagem, é o alvo da crítica de Nietzsche em *VM*, texto no qual, ele nega que haja uma correspondência necessária entre os nomes e as coisas. Para isso, o autor introduz a noção de esquecimento como aspecto principal, sem a qual, essa astúcia do intelecto não se efetiva. Nesse sentido, ele expõe a maneira arbitrária, por meio da qual, as transposições metafóricas culminam em “verdades” socialmente consolidadas. O que Nietzsche intenta denunciar é o fato de estar implícito nessa crença a criatividade do homem, enquanto artista inventor de sua própria existência. Por necessidade de ser parte de um todo social, o homem formula as convenções da linguagem. Na compreensão nietzschiana, portanto, o que existe não é uma realidade e um mundo independente e mais verdadeiro que o

sensível, como Platão outrora instituíra, mas uma interpretação puramente humana da própria existência.

Considerações Finais

Em algum remoto recanto do universo, que se deságua fulgurantemente em inumeráveis sistemas solares, havia uma vez um astro, no qual animais astuciosos inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais audacioso e hipócrita da “história universal”: mas no fim das contas, foi apenas um minuto [...]. Alguém poderia, desse modo, inventar uma fábula e ainda assim não teria ilustrado suficientemente bem, quão lastimável, quão sombrio e efêmero, quão sem rumo e sem motivo se destaca o intelecto humano no interior da natureza [...]. Pois, para aquele intelecto, não há nenhuma missão ulterior que conduzisse para além da vida humana. (NIETZSCHE, 2008, p. 25).

Neste espaço, objetiva-se complementar e delinear algumas perspectivas, ressaltando que o intento deste estudo não é obter uma resposta definitiva acerca da concepção nietzschiana de verdade, mesmo porque não é possível identificar na obra do autor um momento em que a verdade está definida de forma conceitual. Nesse sentido, coadunar com o posicionamento de Nietzsche e manter metodologicamente a dinâmica de pensamento do autor, no sentido de não se deter em buscar uma definição precisa para o problema abordado, é um movimento permanente neste trabalho. Isso porque a compreensão de verdade oferecida aqui, não se configura em uma resposta encerrada, e sim, em uma análise crítica acerca de sua relevância para a existência do homem em sociedade.

A abordagem nietzschiana a respeito da verdade, em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, se refere ao campo das ações humanas, no qual, a linguagem é o elemento comum e o artefato primordial para a coexistência entre os homens. A linguagem é o fio condutor para a compreensão da crítica de Nietzsche à ideia de verdade, no entanto, esta, sendo um produto da linguagem, “torna-se” o elemento principal da pesquisa, no decorrer do estudo, como é possível constatar.

A linguagem produz o acordo de paz, para atender às necessidades pertinentes ao campo das ações humanas, por meio do processo de transposições arbitrárias, que posteriormente fora denominado metafórico. Em *VM*, à linguagem é atribuída um certo nível de amplitude crítica, por meio da qual, linguagem e verdade estão

diretamente atreladas à prática do homem enquanto parte de um todo social. Isso quer dizer que a linguagem só consegue lidar com fenômenos do corpo. Ao afirmar que a verdade é um batalhão móvel de metáforas e outras figuras de linguagem, Nietzsche impossibilita a linguagem de proceder como aquela que consegue penetrar no âmago das coisas em si mesmas. Em consequência disso, ele clarifica a sua intenção em denunciar e expor os valores morais como insuficientes à existência comum.

A esse respeito Marton (2016, p. 305), faz a seguinte afirmação: “Como o principal alvo de Nietzsche é revelar que a verdade tem uma procedência moral, e não pertence originalmente ao reino da lógica e do conhecimento, essa concepção metafórica da linguagem é sua concepção principal no desmascaramento da verdade”. Ou seja, tudo o que pode ser expresso na linguagem obedece às condições que partem das transposições que ocorrem por meio de fenômenos que se dão nos estímulos nervosos produzidos no intelecto, e que estão relacionados com as necessidades da existência. Sendo assim, é preciso recorrer ao terreno, no qual, a linguagem se aperfeiçoa, qual seja, o âmbito das vivências em comum, onde a verdade, de maneira ilusória, por meio do esquecimento, é instituída como universal. E não há como falar de linguagem, como meio de coexistir pacificamente, sem mencionar a verdade em seus diversos estágios rumo à sua consolidação na forma conceitual. Nessa medida, o autor discorre acerca da origem da verdade, desde à sua forma primitiva até a mais elaborada, que se inicia antes do acordo de paz, nos primórdios da existência humana, em seguida, com a formulação das “designações uniformemente válidas e impositivas das coisas”, culminando na criação conceitual.

Para os intentos desta pesquisa, entende-se como conexo utilizar a noção de transvaloração de valores e aqui, precisamente, ela está relacionada com a inversão de perspectiva, que Nietzsche realiza com a filosofia de Platão. Nesse sentido, subverter o que Platão institui na sua filosofia, referente à dualidade de mundos, na qual, em linhas gerais, o supracensível é determinante do mundo sensível, é um movimento semelhante ao de avaliação dos valores morais, realizado na transvaloração, que propõe a avaliação do valor dos valores. Destarte, considera-se que ambos os métodos visam superar a lógica de uma filosofia decadente; de uma vida que nega a própria vida e os sentidos, em busca de um amparo universal e necessário, seja por meio das ideias imutáveis ou dos valores morais, que nesse

contexto possuem o mesmo sentido. Compreende-se, portanto, que se tratam de perspectivas que se assemelham. O cristianismo, fundamentado a partir do platonismo, no contexto da transvaloração, é o terreno dos valores morais.

Na vivência em comunidade, a linguagem exerce sua função de manutenção da sobrevivência humana. Quando Nietzsche fala em verdade e mentira no sentido extramoral, ele se refere à verdade como útil à vida em sociedade, ao mesmo tempo que oferece ao leitor uma perspectiva de existência humana, que não considera a moral para se sustentar, mas, busca destacar a importância dessa invenção por se relacionar com o aspecto criativo do homem em instaurá-la. Isso significa retirar a verdade da esfera do ideal e desautorizar as bases conceituais filosóficas tradicionais vigentes até então. No entanto, ao considerar aquilo que a linguagem produz, as verdades norteadoras do agir humano, Nietzsche se refere à impulsos inteiramente subjetivos; isso pode ser entendido sob a perspectiva da fisiologia. Isso porque na formação das palavras e conceitos, são estímulos internos que operam, no entanto, são mecanismos fisiológicos e não inerentes ao homem, numa perspectiva de subjetividade, como defende a modernidade em relação ao modo como ocorre o processo de conhecimento.

O conhecimento em Nietzsche se refere ao modo de agir no mundo. Não há um conhecimento verdadeiro em si, tampouco o homem não busca o conhecimento pelo conhecimento, quando a linguagem tem na sua raiz a necessidade de ser convencional para a gregriedade. Compreende-se que a verdade sai da condição de um conceito universal para algo mais audacioso, já que a interpretação do autor, ele coloca a verdade como aquilo que sustenta a vida em comunidade em seus vários eixos, como no caso da arte e da ciência, sendo aquela considerada relevante no sentido afirmativo da vida. Por meio das criações artísticas, o homem se desvia do enquadramento conceitual, ao passo que, por meio da ciência, ele segue as esquematizações convenientes da linguagem, que são suficientes ao convívio em rebanho. É possível afirmar que quando Nietzsche expõe sua perspectiva de verdade como convenção da linguagem, e, a partir dessa informação outros pontos são delineados, como por exemplo, a noção de mentira e de metáfora como base da linguagem, ele não pretende fornecer um ponto de vista negativo acerca dessas questões. Seu objetivo é retirar o homem desse estado de passividade e negação em relação a vida, no qual só resta esquecer e acreditar. Se o homem é o artista da

linguagem, ele deve fugir da dinâmica do que está assentado filosoficamente pelo anseio de uma superação de si mesmo, conforme seu personagem Zaratustra propõe posteriormente. Nesse sentido, o objetivo de sua crítica é muito mais positivo do que o consolidado pela tradição. E falar de verdade sem dizer o que ela é converte-se um desafio enfrentado neste percurso textual.

Sendo assim, não é pela marca do conhecimento que o homem é posicionado, no pensamento nietzschiano, se for considerado que os instintos, fundamentais no homem, são as características preponderantes dessa espécie, que se julga detentora do real absoluto. Ao passo que, quando Nietzsche se refere ao instinto de conhecimento, é o mesmo que falar em instinto de crença do conhecimento, ou, de crença da verdade. Nesse caso, se não há essa inclinação natural para o conhecer, o homem não detém a verdade. O que ele possui é uma crença fundada de que detém a verdade. A análise nietzschiana da linguagem, em última instância, remete necessariamente às condições de surgimento do conhecimento. Sem as noções de verdade, fabricadas pelo homem, é impossível sobreviver sem um referencial cristalizado, sob o qual seja possível existir “confortavelmente”. Os valores assentados ordenam esse convívio. No entanto, é pertinente destacar que essas convenções expressam o aspecto mais fraco do homem, no sentido de que ele os inventa para sobreviver na vida gregária.

No início desta pesquisa fora mencionado o quanto a filosofia nos dias de hoje, sobretudo a filosofia acadêmica, se detém a uma dinâmica que, de modo geral, se reduz à refutação de posicionamentos. A partir de Nietzsche pode-se constatar, por meio de sua escrita, que ele foge da criação estritamente conceitual, com o objetivo de possibilitar ao leitor visualizar àquilo que ele exprime. Para isso, ele utiliza as metáforas, bem como, escreve por meio de ensaios, aforismos, e outros gêneros textuais, isso inaugura uma nova perspectiva filosófica da existência, que não se detém às definições conceituais. Nessa medida, a proposta a ser deixada aqui se fundamenta em inquietações referentes à verdade como impositiva. Aqui nesse caminho a verdade não se impõe. Pretende, isso sim, mostrar ao leitor que desestabilizar a concepção de verdade, é, libertar o homem do enquadramento da existência.

Posteriormente, no Doutorado, é possível que seja realizada uma aproximação entre a inversão platônica e a transvaloração de Nietzsche mencionadas aqui, para

dar continuidade a esta inquietação filosófica a respeito da verdade. No que se refere à fundamentação teórica, algumas dificuldades se apresentaram, por exemplo, com relação à compreensão de subjetividade e de consciência e intelecto que em Nietzsche são pensados sob uma ótica social. Outras dificuldades dizem respeito ao acesso à algumas obras. Por outro lado, acredita-se que a seleção das referências foi pertinente ao estudo, cuidadosamente escolhidas, depois de uma revisão bibliográfica. Outras obras foram consultadas, já em um período tardio da pesquisa, no entanto, compreende-se que isso não afetou o resultado para a conclusão dos objetivos colocados na introdução. A respeito da orientação, foi realizado um trabalho satisfatório e harmônico. E como se sabe que não há respostas encerradas para as questões da filosofia, esta pesquisa está aberta ao que a banca julgar necessário modificar.

Assim sendo, é possível afirmar que a relação entre verdade e conhecimento, que são relações da linguagem, não possuem um sentido último além da própria existência, a ser perseguido em detrimento do vivido, pois, o significado de verdade e mentira está fundamentado numa perspectiva extramoral, calcificada na necessidade do homem de existir socialmente e em rebanho.

Referências

Obras de Nietzsche

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. In____. **Nietzsche, Obras Incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

____. **Além do bem e do mal**: Prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

____. **Assim falava Zaratustra**. Trad. Paulo César de Sousa. 1. Ed. São Paulo: Companhia de bolso, 2018.

____. **Crepúsculo dos ídolos**: ou a filosofia a golpes de martelo. Trad. Edson Bini e Marcos Pugliesi. São Paulo: HEMUS, 1976.

____. **Ecce Homo**: Como alguém se torna aquilo que é. Trad. Diego Kosbiau Trevisan. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

____. **Escritos sobre retórica**. Trad. Luis Enrique de Santiago Guervós. Madrid: Simancas Ediciones, 2000.

____. **O livro do filósofo**. Trad. Antônio Carlos Braga. São Paulo, Escala, 2007.

____. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

____. Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral. In____. **Nietzsche, Obras Incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

____. **Sobre Verdade e Mentira**. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

Obras complementares

BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche: corpo e subjetividade**. O percevejo online, 2011. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/1918/1544#:~:text=Nietzsche%20mostra%20a%20possibilidade%20de,uma%20universalidade%20do%20absolutamente%20singular>>. Acesso em: 30/07/2023.

ISHIKAWA, Ítalo. **Elementos para a compreensão da linguagem no jovem Nietzsche**. Rev. Filosófica São Boaventura, Curitiba, v. 9, n. 1, p. (23-37), Jan./Jun., 2015.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Nietzsche y el círculo vicioso**. Trad. Roxana Páez. Buenos Aires: Editorial Altamira, 1995.

KOSSOVITCH, Leon. **Signos e poderes em Nietzsche**. São Paulo: Ática, 1979.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTON, Scarlett. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

MATTOS, Fernando Costa. **Nietzsche, perspectivismo democracia: um espírito livre em Guerra contra o dogmatismo**. São Paulo: Saraiva, 2013.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SILVA, Angela Maria. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses**. Uberlândia: Ed. UFU, 2005.

SOUZA, Diego Carmo de. **Vontade de verdade em sobre verdade e mentira no sentido extramoral.** www.marilia.unesp.br/filogenese, vol.17, n. 1, p. 70 (70-79), 2022.

WOTLING, Patrick. **Vocabulário de Friedrich Nietzsche.** Trad. Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.